



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JULIANA CAMPOS DE ALMEIDA

**ANÁLISE DA CONCEPÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA DO 6º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ REIS, SOUSA-PB**

CAJAZEIRAS/PB

2014

JULIANA CAMPOS DE ALMEIDA

**ANÁLISE DA CONCEPÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA DO 6º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ REIS, SOUSA-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras- PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Josué Pereira da Silva

CAJAZEIRAS/PB

2014



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

A447a Almeida, Juliana Campos de

Análise da concepção do conceito de paisagem na geografia do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal José Reis, Sousa-PB / Juliana Campos de Almeida. Cajazeiras, 2014.

80f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Josué Pereira da Silva.

Monografia (Graduação) - UFPG/CFP

1. Paisagem – estudo e ensino. 2. Paisagem - geografia. 3. Paisagem – ensino fundamental. 4. Escola Municipal José Reis – Sousa-PB. I. Silva, Josué Pereira. II. Título.

UFPG/CFP/BS

CDU – 911.5

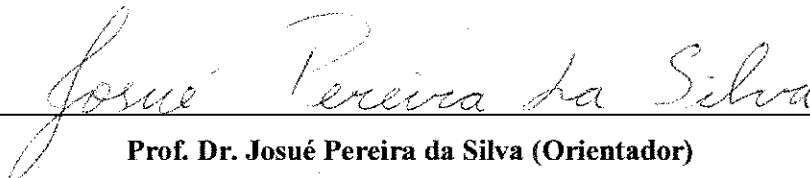
JULIANA CAMPOS DE ALMEIDA

ANÁLISE DA CONCEPÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ REIS, SOUSA-PB

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras- PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: ___ / ___ / _____

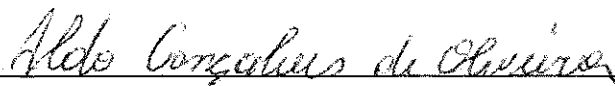
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Josué Pereira da Silva (Orientador)

Universidade Federal de Campina Grande

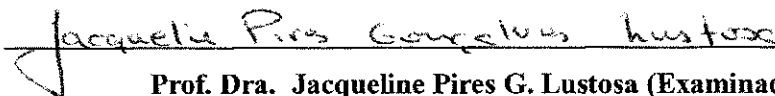
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais



Prof. Me. Aldo Gonçalves de Oliveira (Examinador 1)

Universidade Federal de Campina Grande

Unidade Acadêmica de Ciências Sociais



Prof. Dra. Jacqueline Pires G. Lustosa (Examinadora 2)

Universidade Federal de Campina Grande

Unidade Acadêmica de Ciências Sociais

Ao meu Deus pela coragem concebida, e ao
meu esposo pelo amor que nos faz vencer
todos os obstáculos da vida, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida que me foi premiada;

Ao meu amigo e orientador Professor Josué Pereira, por ter aceitado a parceria desta jornada, sempre acreditando na minha capacidade e respeitando minhas opiniões, bem como pela disponibilidade que sempre tinha para mim, que sei que era de coração;

Aos meus familiares, principalmente ao meu esposo Rejanio pelo companheirismo e paciência que teve desde o início do meu curso, sempre incentivando e encorajando para que eu pudesse vencer, com grande êxito;

Às minhas amigas Rosilene, Micaelle e Danielli, pelos momentos de aprendizagem e pela amizade sincera que certamente se eternizará;

Aos professores que abriram suas salas de aula, para que eu pudesse tirar minhas dúvidas e realizar esse trabalho;

Aos colegas de curso que estiveram na mesma jornada, pelos momentos de descontração e cooperação mútua;

A todos que direta ou indiretamente contribuíram.

RESUMO

O presente trabalho consiste em um estudo sobre a abordagem e aplicação do conceito de Paisagem na Escola Municipal José Reis da cidade de Sousa-PB, a partir da aplicação de 1 questionários para o professor e outro para um conjunto de 20 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Inicialmente, foi feito um levantamento bibliográfico referente ao conceito de paisagem dentro da Geografia. Abordamos também a Geografia no concerne a multiplicidade de recursos didáticos para trabalhá-la. Em seguida, foi feita uma breve caracterização da escola, do Projeto Político Pedagógico, além do tratamento dado a paisagem no livro didático, mais usado pelo professor em sala de aula. Através do levantamento dos dados foi possível perceber que na maior parte dos casos analisados, o conceito de paisagem não está sendo trabalhado de forma construtiva, pois os alunos pouco fazem uso desse conceito para interpretação da realidade. Ficou evidente que o livro didático é o recurso mais utilizado em sala de aula pela professora, sendo que a mesma, não possui clareza conceitual da geografia e se limita a constantes comprovações de desinteresse em relação à qualidade dos recursos trabalhados e as reflexões sobre o procedimento de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Paisagem. Ensino Fundamental. Geografia Escolar. Escola Municipal José Reis. Livro Didático.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de alunos por turmas e turnos.....	37
Tabela 2 – Características da formação profissional docente.....	45
Tabela 3 – Delineamento da turma.....	53
Tabela 4 – Afinidade dos alunos com a Geografia.....	54
Tabela 5 - Apreciação das aulas de geografia.....	57
Tabela 6 – Aspectos positivos das aulas de geografia.....	64
Tabela 7 – Aspectos negativos das aulas de geografia.....	65

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de localização da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Reis, Sousa-PB, 2014.....	34
Figura 2 – Fachada da escola.....	38
Figura 3 – Sala de aula.....	38
Figura 4 – Diretoria da escola.....	38
Figura 5 – Sala dos professores.....	38
Figura 6 – Biblioteca.....	39
Figura 7 – Sala de informática.....	39
Figura 8 – Auditório.....	39
Figura 9 – Pátio.....	39

SÚMARIO

APRESENTAÇÃO	10
1-INTRODUÇÃO	11
2-METODOLOGIA	14
3 - EXPLORANDO O CONCEITO DE PAISAGEM NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA	17
3.1 A paisagem na concepção de Carl Sauer	19
3.2 A paisagem na visão de Augustin Berque	21
3.3 A paisagem na perspectiva de Milton Santos	23
3.4 Considerações parciais	25
4. A GEOGRAFIA E A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DIDÁTICOS	26
4.1 Geografia: ciência e disciplina	26
4.2 Geografia: recursos didáticos	28
4.3 Considerações parciais	33
5 - A CONCEPÇÃO DE PAISAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	34
5.1 Características Gerais da Escola	34
5.2 Aspectos gerais do Projeto Político Pedagógico	40
5.3 A Paisagem no Livro Didático de Geografia	42
5.4 O professor e sua visão de paisagem no ensino de Geografia	45
5.5 A visão dos alunos a respeito do ensino de geografia e da paisagem no 6º ano do ensino fundamental	53
5.6 Considerações Parciais	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	79

APRESENTAÇÃO

A inspiração para desenvolver este estudo adveio, principalmente, dos conhecimentos adquiridos ao longo das disciplinas acadêmicas, cursadas durante a graduação, e diante das diversas possibilidades apresentadas para se ensinar geografia, além da curiosidade em pesquisar a viabilidade da aplicação do conceito de paisagem como recurso didático. Para tanto, realizamos este estudo na tentativa de desvelar como o conceito de paisagem vem sendo trabalhado no ensino fundamental, o qual foi estruturado em quatro capítulos.

Inicialmente, na Introdução, contextualizamos a temática e apresentamos a problemática e o objeto do estudo e que a partir destes, foram traçados os objetivos a serem alcançados, bem como a justificativa e os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do trabalho.

No *capítulo 3* é apresentado um levantamento bibliográfico acerca da temática, em que aborda-se o tema paisagem, na tentativa de compreender os aspectos da evolução do seu conceito na geografia e sua importância para o entendimento do espaço geográfico. Nesse sentido, buscamos referenciar as contribuições de vários autores clássicos que constituíram e aplicaram o conceito de paisagem, como Humboldt, Ritter, Ratzel, La Blache e estudiosos mais atuais como Sauer, Berque, Santos, entre outros.

O *capítulo 4* foi construído para delimitar as definições da geografia, contribuindo na sua diferenciação em ciência e disciplina escolar. Também foi explorado sobre a Geografia no que concerne à variedade e importância dos recursos didáticos para trabalhá-la.

No *capítulo 5*, são apresentados os resultados do estudo, cuja discussão se deu a partir do embasamento teórico, sobre os elementos encontrados no estudo.

Por fim, as considerações finais, reflete-se sobre a prática de ensinar e aprender geografia e também sobre as possibilidades de aplicação do conceito de paisagem para entender a dinâmica do espaço geográfico.

1-INTRODUÇÃO

A compreensão do mundo em que vivemos é complexa, e requer análises específicas sobre suas transformações e seus avanços em meio à sociedade. Assim, a Ciência Geográfica, como área do conhecimento contribui em tornar o mundo compreensível e explicável diante das mudanças que vem ocorrendo ao longo do tempo. Mudanças compreendidas em um processo histórico de construção derivada de séculos de pesquisas, debates e descobertas.

Para tanto, a Geografia busca entender as relações existentes entre Sociedade e Natureza através de uma leitura crítica dos seus conceitos chaves: espaço, lugar, paisagem, região e território; conceitos que deram importância, forma e sentido a esta ciência. E no decorrer dos anos vem sendo explorados por esse campo de conhecimento, e inter-relacionados, para compreensão do Espaço Geográfico como categoria central de análise da Ciência Geográfica.

Ao definir o seu objeto de estudo, a geografia remete a uma análise mais reflexiva e participativa, fazendo com que ocorra uma renovação no pensamento geográfico, para assim, reafirmar sua importância diante dessas transformações. Desse modo, a Geografia mostra-se como uma ferramenta do conhecimento humano, desenvolvida e construída pela sociedade e suas relações com a natureza.

“A Geografia começou a ser sistematizada desde o século XVIII, consolidando-se como ciência no século XIX, reconhecida como campo de conhecimento específico, surgindo primeiramente como disciplina escolar e matéria nas universidades, e legitimada bem mais tarde em cursos superiores” (CAVALCANTI, 2008, p.21). Desde seu surgimento até os dias atuais, discursos e adversidades contribuíram para o processo de evolução que possibilitaram a ela ser reconhecida e respeitada, adquirindo seu estatuto de Ciência.

Teóricos, como Alexandre Von Humboldt, Friedrich Ratzel, Paul Vidal de La Blach e Karl Ritter, entre outros, se destacaram no processo constitutivo da Geografia constitutivo enquanto ciência, fazendo a defesa dos seus pontos de vista no que se refere ao seu objeto de estudo. Avaliando que os estudos e propostas defendidas por estes estudiosos tinham linhas de pensamentos diferentes, encaminharam suas reflexões para caminhos diversos, influenciados por sua formação ideológica particular (CAVALCANTI, 2008). Porém, todos eles convergindo na aceção em que a Geografia estuda as relações entre Sociedade e Natureza.

Atualmente a geografia tem um papel importante entre as demais ciências, quando

proporciona a compreensão e organização do espaço geográfico, espaço este produto das relações de poder existentes no espaço, tendo como consequência aberturas de novas fronteiras e conflitos sociais por conta de sua valorização. Nessa conjuntura, necessita-se entender que o espaço geográfico, enquanto objeto de estudo da geografia, surge como resultado da ação da sociedade sobre o próprio espaço, intermediado pelos objetos naturais e artificiais (SEABRA, 2007).

Santos (1999, p. 83) afirma que o “espaço é sempre definido no presente, mas suas formas contêm heranças do passado e são historicamente contextualizadas”. Assim, se constitui o conceito de paisagem, que por ele é definido como um “conjunto de formas, que num dado momento, exprimem heranças que representam as sucessivas relações entre homem e natureza”. Assim, entende-se que a paisagem tem uma ligação muito forte com o espaço, ou seja, não é possível entender a paisagem sem antes compreender o espaço. Podemos afirmar que se estes conceitos forem bem aplicados podem contribuir, de forma significativa, para o entendimento da complexidade existente na sociedade, porém discuti-los no âmbito da Geografia é um grande desafio a ser enfrentado.

Na Geografia escolar o professor de geografia tem um papel fundamental ao propiciar as condições para as discussões em sala de aula ao trabalhar a temática espacial e suas relações. Valendo-se de vários recursos didáticos para facilitar o processo de ensino-aprendizagem proporcionando melhores possibilidades de trabalhar os conteúdos, ao incluir técnicas capazes de facilitar a assimilação aos educandos de conhecimentos essenciais para ampliar a visão de mundo. Uma vez que o ensino da geografia tem como meta contribuir na formação integral dos alunos, enquanto parte integrante do espaço em que vivem, instigando-os a refletir, observar, interpretar e, posteriormente, compreender o espaço geográfico.

A análise da paisagem se aplicada como procedimento metodológico no ensino da geografia desenvolve no aluno uma percepção visual sobre o espaço. A paisagem proporciona o professor fazer uso de diferentes linguagens para tornar as aulas de geografia dinâmicas e prazerosas. Sua utilização em sala de aula não deve ser compreendida como mera ilustração de informações, como ocorre nos livros didáticos, a paisagem fornece pistas da realidade segundo o olhar de quem a produziu. Cabe ao professor a tarefa de estimular a curiosidade dos alunos para descobrir o significado dos elementos (visíveis e invisíveis) presentes na paisagem que podem ser revelados através de sua leitura.

Percebe-se que ao trabalhar o conceito de paisagem em sala de aula as aulas podem se tornar valiosas na construção da aprendizagem, além de despertar o interesse dos alunos em aprender a perceber visualmente o espaço retratado. Esse método pode tornar as aulas de geografia construtivas, permitindo que os alunos gostem da disciplina, vendo o ensino de forma transformadora. Compete ao professor buscar possibilidades pedagógicas, outras práticas, que possam levar o aluno a construir seus próprios conceitos e possa vir a ser um agente ativo, inserido na sociedade.

Para tanto, o professor deve levar em consideração que uma mesma paisagem é percebida de formas diferenciadas. Daí, ele deve conduzir o aluno a buscar entender a transformação da paisagem, considerando a época e o contexto de modo a construir uma posição crítica e reflexiva a seu respeito, pois a paisagem expressa às relações sociais, culturais, econômicas, intelectuais entre outros. São essas relações existentes na sociedade que justificam a presença da geografia e da paisagem nas escolas para que os alunos aprendam ler o mundo desde cedo e possam entender a complexidade da realidade.

Tendo em vista a vivência como aluna da educação básica, pode-se refletir e amadurecer a percepção de como os conteúdos da geografia vem sendo repassados para os educandos, cuja metodologia de ensino-aprendizagem vem sendo aplicadas de forma mecânica e descontextualizadas. Essas deficiências no ensino da geografia decorrem principalmente da ausência de definição metodológica a ser adotada pelo professor em sala de aula.

Outra explicação advém do distanciamento entre a Comunidade Acadêmica e o Ensino Fundamental e Médio, dificultando o diálogo entre o saber acadêmico e o saber produzido nas escolas. Por isso, é preciso uma proximidade entre essas instituições, a fim de tornar os saberes geográficos construtivos.

Diante da problemática apresentada, na perspectiva de um ensino que possibilite ao aluno uma aprendizagem mais significativa, fica evidente a necessidade de rever e tentar melhorar as práticas pedagógicas, para que possa contribuir com mudanças para a efetivação de um bom ensino para essa disciplina.

Com isso esse trabalho decorre da necessidade de tornar o conceito de paisagem mais significativo no ensino e na aprendizagem da geografia. Busca-se investigar e discutir sobre as concepções que os alunos têm a respeito da sua aplicação como metodologia, a fim de rever as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula.

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo investigar como o conceito de paisagem está sendo trabalhado e aplicado na Geografia do 6º ano do ensino fundamental, levando em consideração sua extrema importância para entender a complexidade do espaço geográfico no meio escolar. Em vista disso, estudar a geografia dando maior ênfase à paisagem constitui-se em um instrumento essencial de leitura e aprendizagem. Dessa forma, o trabalho se desdobra em três eixos:

- ✓ Identificar como está sendo abordado o conceito de paisagem no 6º ano do ensino fundamental;
- ✓ Apontar como o livro didático vem contextualizando o conceito de paisagem;
- ✓ Discutir as concepções que a professora e os alunos têm a respeito do conceito de paisagem no ensino de geografia;

A partir dos objetivos propostos o estudo visa contribuir nas discussões através da análise das observações das aulas de Geografia e dos questionários aplicados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jose Reis, localizada no Município de Sousa.

2-METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida através do método indutivo, considerando uma forma de análise partindo do específico para o geral. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo de abordagem qualitativa realizado no período de Junho de 2013 a Maio de 2014. Lakatos e Marconi (1985, p. 86) definem estudo exploratório como um grupo de pesquisa de campo e citam três finalidades: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa, mas precisa ou modificar e classificar conceitos. Ainda, para Lakatos e Marconi (2001) o estudo descritivo pode ser um estudo de verificação de hipóteses, o qual contém hipóteses explícitas a serem verificadas e derivadas da teoria, consistindo-se um caso de associação de variáveis.

Do ponto de vista científico, descrever é coletar dados ou informações que mostrem um evento, uma comunidade, um feito, contexto, situação ou um fenômeno. Assim, a pesquisa descritiva procura apresentar ou especificar as propriedades, as características e os perfis de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenômeno ou fato que se submeta à análise (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). O estudo qualitativo é uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (MINAYO, 2007).

É, portanto, com olhar investigador que pretendemos desenvolver uma análise criteriosa através do método descritivo e qualitativo, busca-se investigar como está sendo construído o conceito de paisagem no ensino fundamental, dando ênfase ao ensino de geografia. Os resultados serão alcançados por meio da pesquisa de campo e sua observação, fundamentados em um levantamento bibliográfico e na aplicação de questionários para os envolvidos na pesquisa, no caso, o professor e os alunos.

Com objetivo de conhecer o funcionamento da escola, foram feitas visitas ao estabelecimento com intuito de observar e analisar o perfil da escola dos alunos e do professor. Complementando foi realizada a leitura e análise do projeto político pedagógico, com propósito de investigar quais os métodos adotados pelo professor para trabalhar o conceito de paisagem e suas opiniões sobre o livro didático adotado nessa série. A partir dessas etapas foram feitas as devidas observações necessárias para realização do estudo.

Foram aplicados dois questionários semiestruturados¹ previamente elaborados (Apêndices A e B), sendo um questionário com 11 perguntas aplicado a professora que ensina geografia e o outro com 10 perguntas aplicadas ao conjunto de alunos de uma de suas turmas, escolhida por conveniência. Os dados foram coletados no mês Outubro de 2013, sendo um total de 21 pessoas constituindo assim a amostra do estudo.

Considerou-se como critérios de inclusão no estudo o aluno que estivesse devidamente matriculado no 6º ano do EF, que, por livre e espontânea vontade, aceitasse participar da pesquisa. A fim de verificar a percepção dos mesmos a respeito do conceito de paisagem, como eles a entendem e como é aplicado em sala.

¹ Questionário semiestruturado aquele que se desenvolve tendo como referência um esquema básico, porém aplicado com flexibilidade, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações Ludke (1986, apud PUNTEL 2006, p. 20).

Para a análise dos dados, a etapa inicial foi caracterizar o ambiente pesquisado, abordando o perfil da escola e dos alunos, enfocando os aspectos gerais do Projeto Político Pedagógico - PPP. Buscamos também refletir a concepção de paisagem no ensino de geografia, recorrendo a outros autores, como: Pontuschka, Kaercher, Cavalcante, Faria, Daniela e Tricart.

Na etapa seguinte, os questionários foram analisados e posteriormente lidos e tabulados em categorias temáticas e confrontados com a literatura pertinente. Feito isto, tendo em vista o fato de ser o livro didático (LD) um dos principais instrumentos de apoio para o professor trabalhar os conteúdos de geografia, a etapa seguinte foi apontar como este recurso de ensino é utilizado pela professora de geografia. O LD utilizado no 6º ano do EF é intitulado como, "PROJETO ARARIBÁ GEOGRAFIA". O procedimento de análise conceitual do LD teve como base os seguintes critérios:

- ✓ Averiguar como o conceito de paisagem é abordado no livro didático;
- ✓ Verificar se o conceito de paisagem está presente no livro como conceito chave ou aparece apenas como conteúdo específico (unidade do livro).

Partindo destes procedimentos metodológicos, no capítulo seguinte, se fará uma breve discussão sobre o conceito de paisagem, na concepção de três geógrafos, que deram suas contribuições na trajetória da geografia, são eles: Carl Sauer, Augustin Berque e Milton Santos.

3- EXPLORANDO O CONCEITO DE PAISAGEM NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

A evolução do conceito de paisagem dentro da geografia pode ser atribuída aos grandes clássicos do século XIX, como, Alexandre Von Humboldt, Karl Ritter, Vidal de La Blache e Friedrich Ratzel, conforme citado anteriormente. Foi a partir destes clássicos que o conceito de paisagem começou a ser abordado como método e transcrição de dados em várias áreas do mundo, conceito este que contribuiu para o estabelecimento do estatuto científico e da epistemologia da Geografia enquanto Ciência. Seus estudos eram baseados na relação Homem e Natureza e suas técnicas eram de observação, descrição e representação.

Von Humboldt (1769-1859) entendia a geografia como a parte da ciência do Cosmos, isto é, como uma espécie de síntese de todos os conhecimentos relativos à Terra. Defendia que o geógrafo deveria contemplar a paisagem de uma forma quase estética e ela causaria no observador uma, “impressão” que, combinada com a observação sistemática dos seus elementos componentes e filtrada pelo raciocínio lógico, levaria à explicação da causalidade das conexões contidas na paisagem. Portanto, suas técnicas eram utilizadas por meio da observação, descrição e representação da paisagem geográfica (MORAIS, 2002, p.47-48)

Karl Ritter (1779-1859) defendia que a geografia deveria estudar os lugares e suas individualidades, com sua proposta antropocêntrica, buscava valorizar a relação Homem-Natureza. Para ele o Homem é o sujeito da natureza, reforçando também a análise empírica de que é necessário caminhar de “observação em observação” (MORAES, 2002, p. 49).

Vidal de La Blache (1843-1918) definiu o objeto da geografia como a relação Homem e Natureza, na perspectiva da paisagem. Colocou o Homem como um ser ativo, que sofre influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o. A Geografia era a ciência dos lugares e não dos Homens. A paisagem era vista como palco das ações humanas (MORAES, 2002, p.68).

Friedrich Ratzel (1844-1904) estabeleceu o objeto geográfico como estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. O mesmo propõe o estudo do Homem em relação aos elementos do meio em que ele se insere. Manteve a ideia da geografia empírica, cujos procedimentos de análise seriam a observação e a descrição (MORAES, 2002, p. 55-60).

Ao fazer um breve resgate da evolução do conceito de paisagem na concepção desses diferentes teóricos, nota-se que o seu entendimento, tomou diversas perspectivas e, em seu

processo evolutivo, teve seus paradigmas revistos.

A paisagem é um conceito chave para a ciência geográfica, lhe fornecendo unidade e identidade. Contudo, ao longo do tempo, sofreu oscilações e passou a ter uma posição secundária sob influência do marxismo e de análises econômicas na ciência geográfica, quando os conceitos de região, lugar, território e espaço passaram a ser priorizados. Conforme Corrêa e Rosendhal (2004, apud LADEIRA 2010, p.47),

A paisagem geográfica apresenta simultaneamente várias dimensões que cada matriz epistemológica privilegia. Ela tem uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre as diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias tem assim uma dimensão simbólica.

Nesse sentido, a compreensão conceitual a define como uma fonte de dados, fatos e informações, transformando-se em um potencial instrumento de materialização de lugares, isto é, cada indivíduo tem o poder de interpretar um espaço de acordo com sua visão sobre paisagem. Um mesmo espaço pode possibilitar, a partir do observador, várias interpretações e leituras diferentes dependentemente do olhar individual e dos significados que ele apresenta. Portanto, a partir do estudo da paisagem, podemos em primeiro plano identificar um lugar, e sentir-se parte integrante desse espaço. Desse modo, esta discussão nos direciona para o entendimento da categoria lugar.

A categoria lugar apreende os espaços com os quais os indivíduos possuem laços afetivos: como a nossa casa, nosso trabalho, a praça que lembra nossa infância entre outros, são ambientes que mantemos certa identidade ou afinidade com eles. Como declara os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998): “o lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. É por intermédio dos lugares que se dá a comunicação entre Homem e Mundo”.

Concordando com Carlos (2001, p. 305), “é possível pensar o lugar tendo como ponto de partida o olhar na paisagem. A paisagem mostra a realidade de um lugar ou uma visão, conforme seus interesses, concepções e experiências”. Isto leva a discernir que a paisagem engloba os vários elementos que estão ao nosso redor, porém sem existência própria, porque ela existe a

partir da percepção individual, noutras palavras cada um a vê de forma diferente, não só em função da observação, mas também em função dos interesses individuais.

Tricart (1982), também traz sua contribuição quando afirma que o conceito de paisagem é uma dada porção perceptível a um observador onde se escreve uma combinação de fatos visíveis e invisíveis de interações as quais num dado momento não percebemos senão o resultado global.

Desse modo, nota-se que é necessário ultrapassar a paisagem visível para chegar ao seu significado, ou seja, a paisagem vai muito além daquilo que enchemos, ela possui significados que devemos desvendar para podermos entendê-la. Isso implica dizer que, a paisagem precisa ser vista além da aparência na busca de explicações para chegar a certa compreensão.

Ela pode ser pensada e interpretada de várias formas, porque a identidade de cada um é incompleta e interminável e está sempre se reposicionando. Logo, existem diferentes maneiras de ler o espaço geográfico a partir da paisagem. Por conseguinte, um mesmo teórico em sua trajetória pode renegar seus conceitos e ideias e elaborar novas percepções e conclusões sobre o mesmo assunto, visto que o pensar é evolutivo.

Vários são os estudiosos que abordam o conceito de paisagem em seus trabalhos. Autores e obras como: Carl Sauer (*A Morfologia da Paisagem*, 1925); Augustin Berque (*Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz*, 1984); Milton Santos (*A Natureza do Espaço*, 1999); Lobato Corrêa e Zeny Rosendhal (*Paisagem, Tempo e Cultura*, 1998) Georges Bertrand (*Paisagem e Geografia Física Global*, 2004), entre outros, são exemplos de leituras fundamentais para o aprofundamento do tema proposto neste trabalho.

Partiremos, a seguir, para uma discussão com base no pensamento de três geógrafos muito importantes para a Geografia: Carl Sauer, Augustin Berque e Milton Santos. Apresentaremos suas abordagens a respeito do conceito de paisagem e como pode ser entendido na visão de cada um deles.

3.1 A paisagem na concepção de Carl Sauer

Considerado o pai da geografia cultural e influenciado pelo determinismo ambiental, Sauer (1925, apud MACIEL ET AL 2012, p. 890), utiliza o termo *paisagem* para estabelecer o conceito unitário da geografia, considerada como sendo uma fenomenologia das paisagens. Sauer foi um dos primeiros geógrafos a tratar esta Ciência de maneira integrada, privilegiando, ao

mesmo tempo, os fatores naturais e sociais, inserindo a compreensão da categoria paisagem como elo integrador desses fatores.

Compreende-se que Sauer atribuiu grande importância aos fatores naturais e sociais, e os concebia de uma forma integrada, ou seja, um agindo sobre o outro se inter-relacionando, e a apreensão da paisagem surgindo como uma interação, um elo para podermos entender essas relações que acontecem na sociedade através desses fatores. Para eleri, essa interação do natural junto com a ação do Homem teria, como consequência, a concepção da Geografia Cultural.

Em sua obra "*A Morfologia da paisagem*" publicada em (1925) Sauer enfocou que a ciência tem sua identidade através do seu objeto de estudo e de um método. Logo a geografia deveria limitar-se ao evidente, e o evidente está na paisagem, devendo este ser seu objeto de fundamental importância dentro da geografia. Corrêa e Rosendahl (1998, p.9) afirmam, que para Sauer,

A paisagem geográfica é vista como um conjunto de formas naturais e culturais associadas em uma dada área, é analisada morfológicamente, vendo-se a integração das formas entre si e o caráter orgânico ou quase orgânico delas. O tempo é uma variável fundamental. A paisagem cultural ou geográfica resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural.

Significa que Sauer define a paisagem como um conjunto de formas naturais e culturais associadas; é a ação do Homem sobre o meio natural que vem ocorrendo ao longo dos anos, resultando em paisagem cultural. Desde então, entende-se que os objetos existem juntos na paisagem formando um todo, aspectos físicos e culturais a um só tempo.

Assim, nos faz entender que a paisagem é uma realidade que podemos perceber visualmente através de várias cenas generalizadas de um lugar, através do olhar péspicaz do observador, pois sua descrição e análise só podem ser feitas através de várias características que a mesma apresenta, atribuindo-lhes significados e importância para chegar ao seu entedimento. Para melhor compreensão, Sauer (1925, apud NAME 2010, p. 169) reforça que a paisagem:

[não] é simplesmente uma cena real vista por um observador. A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais [...]. O geógrafo pode descrever a paisagem individual como um tipo ou provavelmente uma variante de um tipo, mas ele tem sempre em mente o genérico e procede por comparação.

Assim, em seu modo de pensar, defendia a cultura como um conjunto de artefatos e

instrumentos somados à associação de plantas e animais que a sociedade aprende a utilizar em relação ao ambiente. Sauer enfoca uma forma estritamente geográfica de se pensar a cultura, a partir do estudo das marcas da ação humana sobre as paisagens (NAME, 2010, p. 170). Podemos compreender a cultura como uma construção histórica de ações humanas capazes de transformar o meio através do conhecimento técnico, ou seja, um produto coletivo da vida humana.

Sauer (1925, p.13) discorre sobre a paisagem como, uma área composta por associação distinta de formas físicas e culturais, onde sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes. Ela corresponde a um organismo complexo, feito pela associação específica de formas e apreendida pela análise morfológica, ressaltando que se trata de uma interdependência entre esses diversos constituintes e não de uma simples adição. Para melhor entender, essas formas é o aspecto visível da paisagem, e as funções podem ser compreendidas pelas atividades que, foram ou estão sendo desenvolvidas e que estão materializadas nas formas criadas socialmente.

Enfim, a paisagem é entendida por Sauer, como uma composição de elementos físicos e culturais, onde suas formas e funções precisam estar diretamente relacionadas, uma dependendo da outra, funções essas que são atribuídas pelo o Homem através de suas necessidades ao longo dos anos, ou seja, a cada novo ano novas funções poderão ser atribuídas as formas inseridas no espaço que constituem, assim, o termo paisagem.

3.2 A paisagem na visão de Augustin Berque

Augustin Berque é conhecido como teórico da paisagem. Seus estudos abrangem perspectivas da geografia cultural, urbanismo, arquitetura e sustentabilidade. Berque discorre suas obras fazendo relações entre paisagens e diversidades culturais. Para entendermos essas relações, foram feitas pesquisas de algumas de suas obras, tendo como maior apoio seu artigo *Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz* (1984), por ser a única obra traduzida em português e encontrada no livro “Paisagem, tempo e cultura” de Corrêa e Rosendahl et al (2004).

Augustin Berque (2008, apud LADEIRA 2010, p.17) refere-se ao nascimento da paisagem ao fazer uma síntese de dois pontos de vista: um a paisagem sempre esteve presente nas ciências naturais e outro de que ela é uma representação verbal e mental. Partindo deste ponto de vista, o nascimento da paisagem acontece como um modo novo de ver a realidade. Isto significa

que a paisagem não está no olhar sobre os objetos, ela está na realidade das coisas, dentro da relação que temos com o ambiente em que vivemos.

A paisagem existe fazendo uma relação com um sujeito coletivo, ou seja, a sociedade produz, reproduz e a transforma em função de suas necessidades de sobrevivência unido em uma coletividade. Segundo Berque (2008, p.53), “o ponto de vista cultural é o de definir e compreender o sentido da paisagem. Entendo aqui a geografia cultural como o estudo do sentido (unitário e global) que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza, relação que a paisagem exprime concretamente”. Desde então, a paisagem cultural surge como resultado da ação do Homem ao longo dos anos, sendo modelada pelo grupo coletivo, a partir de uma paisagem natural.

Em sua obra “Paisagem-Marca e Paisagem-Matriz”, Berque (1984, apud NAME 2010, p.178), explica que:

A paisagem, para ele, é uma marca, que expressa uma civilização a partir de sua materialidade, que pode e deve ser descrita e não inventariada; mas é também uma matriz, que participa dos esquemas de percepção, concepção e ação, ou seja, da cultura; ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada eventualmente reproduzida por uma estética e por uma moral, gerada por uma política etc.

Sendo assim, a paisagem possui uma ambivalência entre o material e o simbólico, compreende as marcas que deixamos no ambiente através da materialidade que pode ser descritiva, e é matriz através das nossas percepções, ações e reflexões que temos do nosso mundo. A paisagem é o visível, e ao mesmo tempo é a imaginação. Pois, cada pessoa, de acordo com seus conhecimentos, entende a paisagem de uma forma diversa, cada um constroi seus conceitos que refletem em atos e olhares, ou seja, paisagem é realidade e ao mesmo tempo aspecto dessa realidade. A paisagem é portadora de significados, crenças e valores e carrega em si marcas da história, tanto atual quanto passadas. Segundo os pensamentos de Berque (1984, apud LADEIRA 2010, p. 52):

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e dos seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o as suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder as convicções religiosas, as paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Ela constitui desta maneira um documento chave para compreender as culturas, o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado.

Para tanto, a paisagem representa as marcas das destrezas humanas através de técnicas adaptadas para sobrevivência e para satisfazer seus anseios, tornando-a um elemento chave de extrema importância para o entendimento das culturas atuais e as passadas. Assim, a paisagem torna-se um conceito muito importante para os geógrafos, pois através da mesma, podem surgir novas indagações e concepções para enriquecer mais ainda a pluralidade da ciência.

3.3 A paisagem na perspectiva de Milton Santos

Milton Santos é considerado um dos pensadores expoentes da Geografia Brasileira. Em sua obra *A Natureza do Espaço* (2002), ele estabelece uma necessidade de distinção epistemológica entre espaço e paisagem. Para explicar essa distinção, ele nos coloca como exemplo o efeito da bomba de nêutrons, (um projeto do Pentágono abortado por Kennedy durante a Guerra Fria). Este artefato seria capaz de aniquilar toda a vida humana em uma dada área, mas mantendo as construções. Se esta bomba fosse utilizada, teríamos antes, o espaço e após, a temida explosão, restaria somente paisagem (SANTOS, 1999, p. 85).

O exemplo nos mostra que o espaço é a vida humana e as relações mantidas em meio a sociedade, e a paisagem seria apenas as construções erguidas pelo Homem. Mostra que, depois da explosão, restaria apenas a paisagem sem vida humana, e faz uma fácil distinção entre os dois conceitos, além da valorização direcionada, ao espaço, pelo autor Brasileiro.

Santos (1999, p.83) afirma que paisagem e espaço não são sinônimos: “O espaço são as formas mais a vida que as anima”. E, continua reforçando que ela está contida no espaço e apresenta objetos reais concretos, sendo considerados como um sistema material no qual a sociedade atribui valores para se adequar as suas necessidades. Em suas palavras: “O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é o um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é a cada fração da paisagem” (SANTOS, 1999, p. 83).

Entende-se que, com estas afirmações, a paisagem representa relações que vem sendo elaboradas ao longo do tempo entre o Homem e a Natureza, e está inserida no espaço através de suas materialidades na qual são atribuídas funções e valores para suprir suas precisões. Então, o espaço torna-se uma mercadoria por consequência dessa valorização, dada pela sociedade através

do seu trabalho.

A paisagem também é dinâmica, e está em constante transformação. Sempre que a sociedade muda, as relações nela existentes também acompanham essa mudança e, dessa maneira, podemos relacionar a paisagem com o espaço, pois este sempre estará ativo sofrendo alterações para se adequar à realidade e as necessidades da sociedade.

Afirma Santos (1999, p.86): “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam no espaço, as funções sociais”. Para tanto, a paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento da sociedade, resultante de uma acumulação de tempos. Essas formas que compõem a paisagem são alteradas e renovadas para serem substituídas por outras que correspondam às necessidades de uma nova estrutura social.

Assim, cada paisagem possui características próprias por distribuir essas formas no espaço, espaço este, que se torna decorrência da intrusão da sociedade nessas formas, que são atribuídos conteúdos e valores que estão sempre em constante processo de modificação. Para melhor entender, Santos (1999, p. 83), reforça que, “a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, numa construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única”.

Este autor trabalha seus textos numa perspectiva crítica incorporando o materialismo histórico e dialético nas suas análises. Ele esvazia o conceito de paisagem para valorizar o espaço, sendo que a paisagem pode ser abarcada com a visão, destituída da sociedade, pois possui um caráter histórico em suas materialidades presentes e as contradições se realizam na dialética entre espaço e sociedade. Ele ainda afirma que:

Não existe dialética possível das formas enquanto formas. Nem, a rigor, entre paisagem e sociedade. A sociedade se geografiza através das formas, atribuindo-lhes uma função que vai mudando ao longo da história. O espaço é a síntese sempre provisória entre o conteúdo social e as formas espaciais. (Santos 1999, p.88).

Entendemos que as formas da paisagem não possuem uma dialética, e sim, quando são dadas uma certa valorização pela sociedade. Quando é atribuído valor à paisagem a mesma se transforma em espaço geográfico. Enfim, o geógrafo Milton Santos, através de suas obras, ao colocar suas percepções a respeito do conceito de paisagem e espaço, contribui para a compreensão das distinções conceituais e importância, numa discussão mais aprimorada, no âmbito da Geografia.

3.4 Considerações parciais

Observamos que a paisagem é uma das concepções Básicas abordadas na Ciência Geográfica. Os geógrafos citados, concordando que a geografia analisa as relações existentes entre Sociedade e Natureza, conduziram suas pesquisas e cogitações para caminhos diferentes, cada qual influenciados por suas percepções ideológicas.

Diante de toda essa trajetória conceitual da geografia, entende-se que o conceito de paisagem, foi evoluindo de acordo com diversas abordagens teóricas. Significa dizer que o pensar, ou o definir da paisagem está associada com algumas das mais variadas concepções geográficas. O entendimento desse conceito depende das influências, sociais, culturais e discursivas que cada geógrafo constroi ao longo de seus estudos e aspirações.

4- A GEOGRAFIA E A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DIDÁTICOS

No presente capítulo será abordada a diferenciação da Geografia enquanto Ciência e Disciplina Escolar. Além de uma discussão sobre a variedade e importância dos recursos didáticos para trabalhar a Geografia em sala de aula.

4.1 Geografia: ciência e disciplina

Sabe-se das diferenças e dualidades existentes entre a “*geografia acadêmica*” e a “*geografia escolar*”. Para entendermos melhor essa dicotomia é preciso levar em conta a compreensão da geografia enquanto ciência e disciplina no contexto escolar. Conhecer e entender tais distinções é tarefa de fundamental importância, pois ambas as concepções são complementares para o aprendizado. “No Brasil, pesquisadores destacam que, antes da geografia se constituir como campo de formação em nível superior, a mesma já era ensinada nas escolas, portanto, pode-se dizer que ela surgiu primeiramente como disciplina escolar. Ambas com histórias paralelas, mas que se cruzam, se influenciam, guardando suas especificidades e identidades” (CAVALCANTI, 2008, p.21).

Várias são as características que podem distinguir o saber universitário do saber ensinado nos níveis fundamental e médio, mas pra entender esses conceitos, primeiramente temos que compreender as concepções apresentadas por Ivor Goodson (1990, apud PESSOA 2007, p.22). Este compreende a disciplina como uma condição de conhecimento procedente da academia que se diferencia da matéria escolar, um termo utilizado nas escolas primárias e secundárias.

No entendimento de Chervel (1990, p.180 apud PESSOA 2007, p. 22), o termo disciplina “é igualmente, para nós, em qualquer campo que se a encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte”. De acordo com o conceito de disciplina podemos entender que disciplina escolar está relacionada aos diferentes estágios do ensino escolar básico, enquanto que disciplina acadêmica é utilizada em nível superior nos cursos de formação. Assim, conforme Andrade (1981, apud PONTUSCHKA 2009, p.37):

Podemos considerar que o conhecimento científico é profundamente dinâmico e evolui sob a influência das transformações econômicas e de suas repercussões

sobre a formulação do pensamento científico. Assim, o objeto e os objetivos de uma ciência são relativos, diversificando-se no espaço e no tempo, conforme a estruturação das formações econômicas e sociais.

A geografia como saber científico, pesquisa o espaço produzido e transformado pela sociedade, considerando-o como consequência ou resultado das relações e contradições da sociedade estabelecidas entre os grupos sociais em diferentes tempos históricos. Desde então, a geografia como ciência da Sociedade e da Natureza, torna-se um ramo de conhecimento necessário para que haja formação inicial e continuada dos professores, tanto dos que ensinam as séries iniciais como as mais adiantadas. Para tanto, a geografia enquanto disciplina escolar proporciona subsídios para que os alunos e professores possam enriquecer suas representações sociais e seu conhecimento sobre as mais variadas dimensões da realidade, para assim, poder compreender melhor o mundo em seu contínuo processo de modificações.

Desse modo, o ensino da geografia proporciona aos alunos a compreensão da realidade, possibilitando que eles nela interfiram de maneira consciente, por meio dos conhecimentos adquiridos e o domínio de categorias que favoreçam o entendimento das relações socioculturais advindas das transformações na sociedade. Assim, cabe ao professor, enquanto educador, a incumbência de despertar no aluno a consciência cidadã para o cumprimento dos deveres, bem como para a exigência dos direitos.

Diante das diferenciações entre o saber acadêmico e o saber escolar, entende-se que transformar um saber sem desvalorizá-lo supõe uma transposição didática para que não empobreça nenhum dos saberes, mas que apresente uma construção diferenciada com a intenção de atender um público escolar. Mas, o que é transposição didática? Chevallard (1985, apud CAVALCANTI 2008, p.25) afirma que:

A transposição didática é um processo amplo, de “passagem” do saber acadêmico ao saber ensinado, que não se restringe ao ato de preparar didaticamente um curso, mas que envolve toda a reflexão pedagógico-didáticos e epistemológica sobre os saberes, em vários níveis, desde a que é realizada por aqueles que se dedicam a sistematizar teoricamente esse processo, os estudiosos da didática, passando pela que é feita pelos elaboradores de propostas e diretrizes curriculares e pelos autores de livros didáticos, até a reflexão efetuada pelo professor que prepara seu curso, que faz suas opções de conteúdos.

Percebe-se que transposição didática refere-se a um conjunto de transformações que ocorrem com saber científico antes do mesmo ser ensinado, isto é, o conhecimento produzido na

academia passa por investigações até chegar à escola, transformando-se em conhecimento escolar. Assim, a Geografia acadêmica serve de referência para a legitimação da geografia escolar.

4.2 Geografia: recursos didáticos

Para o ensino de geografia a utilização dos recursos didáticos são de fundamental importância para facilitar a compreensão do desenvolvimento da sociedade com relação aos processos de ocupação dos espaços, levando em consideração as relações do Homem com o Meio, e os seus desdobramentos, sociais, culturais, políticos e econômicos. Assim, o ensino de geografia possibilita ao aluno sentir-se estimulado a atuar na sociedade, e torna-lo um agente transformador da mesma. Segundo Vieira (2008) Recursos didáticos são ferramentas utilizadas pelo professor para facilitar o processo de ensino aprendizagem.

A geografia nos proporciona a aquisição e o entendimento de determinados assuntos e abordagens que permitem o desenvolvimento de um olhar crítico, como indivíduos no meio ambiente e como cidadão no meio social. Desde então, os recursos didáticos servem de instrumentos mediadores entre o que está sendo abordado e os alunos, a fim de facilitar o processo de aprendizagem. Desse modo, o professor de geografia deve fazer com que seus alunos se relacionem com o espaço em que vivem, lembrando, não é fácil atingir esses objetivos, pois, muitas são as escolas que não dispõem dos recursos necessários para trabalhar com os alunos, isso faz com que os mesmos tenham grande prejuízo em relação à obtenção dos conhecimentos construídos na escola.

O uso dos recursos didáticos torna-se importante por proporcionar ao professor condições de trabalhar os conteúdos em sala de aula articulados a uma técnica que facilitará o aprendizado do aluno a respeito do tema abordado, levando em consideração a formação do professor para o uso adequado dos recursos. Silva e Melo (2006, p.3, apud SILVA 2008, p.14) corrobora afirmando que:

[...] O uso de recursos didáticos não devem ser vistos como um posicionamento pedagógico tecnicista, pois esta prática se efetiva enquanto alternativa de apoio ao trabalho teórico-metodológico do professor, contextualizando os conceitos geográficos que, muitas das vezes, são abstratos e necessitam de uma “materialização” para que os alunos os compreendam.

Do exposto, cabe ao professor selecionar os melhores recursos para facilitar o entendimento e absorção do conteúdo explicado. Lembrando que os recursos didáticos servem apenas como apoio para o professor, nas atividades visando facilitar a compreensão de temas estudados. Porém, antes da utilização de cada recurso é preciso levar em consideração a criatividade e o nível de escolaridade de cada aluno, bem como, verificar qual o recurso apropriado para aquela aula a ser desenvolvida na escola.

A busca constante pela qualidade do ensino deve ser o principal objetivo dos professores, dando ênfase ao geógrafo enquanto educador, pois a geografia é uma disciplina dinâmica, podendo ser trabalhada com diversos tipos de recursos didáticos que podem ir do quadro de giz à projeção em *slides*, em outras palavras, vários são os recursos didáticos que podem ser trabalhados em sala de aula como: *informática, filmes, mapas, músicas, trabalhos de campo, livros didáticos*, entre outros.

Esta variedade de recursos proporciona ao professor condições de aplicar uma metodologia mais construtiva, dinâmica e participativa. Assim, pontuaremos alguns dos recursos didáticos que são de suma importância para trabalhar a geografia em sala de aula:

a) Tecnologia da Informação e Comunicação - é uma ferramenta de grande vantagem, por agregar outros recursos, como imagens, desenhos, jogos, fotografias, textos entre outros. São muitas as utilidades que os computadores oferecem para os professores e alunos na realização de trabalhos e pesquisas, tanto nas escolas quanto nas universidades, pois a *internet* oferece uma ampla variedade de textos e autores que podem enriquecer o que está sendo pesquisado. Segundo Vieira et al (2007, p. 105) “o computador, no ensino aprendizagem, auxilia os professores em suas aulas e serve como complemento na busca de dados para a construção de conhecimentos”.

Para tanto, é preciso ter cuidado e bastante atenção para que os alunos não utilizem o computador para impressões de páginas da internet e colemb trabalhos prontos para entregarem ao professor. Desse modo, as leituras dos trabalhos tem que ser minuciosas para que não haja nenhum mal entendido. Assim, torna-se necessário que o professor use essa metodologia com criatividade e agilidade para desenvolver atividades na construção do conhecimento. Lopes (2010, p.83, apud CALADO 2012, p.18) reforça:

[...] Precisamos ficar atentos a esse contexto, pois para saber utilizar as ferramentas, as tecnologias atuais, é necessário um bom método, ou seja, os professores têm que saber como utilizar essas ferramentas de apoio durante o

desenvolvimento de suas aulas. Logo, para que isso ocorra, os educadores necessitam de um preparo adequado para lidar com esse aparato tecnológico, principalmente o uso dos computadores ligado à *internet* (Grifo nosso).

Se a escola dispuser desse recurso, é preciso que o educador acompanhe e oriente as pesquisas feitas nos computadores, mostrando sua importância quando são bem utilizados para os estudos propostos.

b) Filmes - ao trabalhar com filmes que abordam problemas do dia a dia, como as questões políticas, econômicas, sociais e culturais, os alunos tendem a participar mais dos debates em sala de aula. Para a escolha do filme é necessário um planejamento para indicar se ele pode ser analisado, de acordo com o tema do livro didático, e os temas que estão sendo estudados. Segundo Barbosa (2003, p.113, apud OLIVEIRA 2009, p.7) reforça que:

[...] O papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para os alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos. Trata-se, portanto, de um movimento de apropriação cognitiva da relação espaço-imagem e principalmente, da criação de sujeitos produtores de conhecimentos e reconhecimentos de si mesmos e do mundo.

Cabe ao professor elaborar pontos a serem debatidos em sala de aula, antes ou depois do filme, e possibilitar aos alunos a análise crítica para além do assistido ou das cenas projetadas. Os filmes tornam-se um importante recurso para a aprendizagem dos alunos, pois, as imagens fazem com que fixem o conteúdo através da visualização das paisagens. Além de permitir essa visualização, o professor pode colocar questões para que os alunos passem da simples observação das imagens para uma leitura analítica. De acordo com Vieira et al (2007, p. 105):

[...] a “sessão-cinema” deve ser planejada e preparada com antecedência: o docente deve assistir aos filmes para selecionar aquele que melhor se adapte a unidade planejada em relação ao tema, à faixa etária dos alunos e à duração. É importante que o professor anote o tempo para saber os momentos de interrupção para discussão e análise. Cabe ao professor também estabelecer os pontos a serem discutidos antes ou depois da “sessão” e possibilitar aos alunos a análise do assistido para além das cenas projetadas.

As aulas audiovisuais podem ser avaliadas através de debates, produções de textos e questões, para que o professor consiga avaliar o avanço dos alunos na construção de conceitos e habilidades. Desde então, o professor deve estimular os alunos a relacionarem o filme ao tema em

estudo e buscar aprender a utilizar esse recurso que tem potencial para oferecer oportunidades de aulas mais participativas e construtivas.

c) Mapas - são recursos fundamentais nas aulas de geografia, pois possibilitam compreender as mudanças que ocorrem no mundo, permitindo realizar leitura e interpretações de vários mapas de diferentes escalas temporais. Os mapas nos proporcionam o domínio espacial e a síntese dos fenômenos que ocorrem em determinado espaço.

Vieira et al (2007, p.111), afirmam que devemos ter sempre preocupação com a educação geográfica, a construção de referências de lugar e de tempo dos fenômenos em estudo. Igualmente, precisa-se habituar a localizar o fato em estudo no mapa e no globo, para que o aluno possa trabalhar suas estruturas da inteligência para o domínio espacial.

Castrogiovani (1998, p.33) reforça que os mapas devem fazer parte do cotidiano escolar e não apenas serem incluídos nos dias específicos de geografia. Devem ser vistos como uma possibilidade admirável de comunicação.

Em sala de aula, o mapa ajuda o aluno a procurar a localização dos fenômenos em estudo, e criar essa atitude no aluno torna-se um passo muito importante na construção das relações espaciais, e para o desenvolvimento da função simbólica, servindo para progredir nos níveis de leitura e interpretação dos mapas.

d) Música - também é um recurso que pode ser trabalhado como complemento para auxiliar as atividades desenvolvidas em sala de aula. O professor pode propor que seus alunos façam um levantamento de músicas que reforcem o tema estudado. Assim, no caso da geografia pode trabalhar músicas que abordem questões ligadas à regionalização dos lugares, a questão da seca do Nordeste entre muitas outras existentes.

Quando tocamos uma música na sala de aula, possibilitamos aos alunos uma atividade que pode despertar a atenção e participação. Explica Vieira et al (2007, p.107), “ o espaço musical precisa ser explorado de forma que os sentidos da audição, da visão e do corpo sejam integrados para ver e sentir o espaço”.

Desse modo, a música tem diferentes interpretações que podem ser debatidas através de seu ritmo e da sua harmonia e quando a contextualizamos com os temas que estão sendo debatidos em sala de aula, torna-se um recurso muito proveitoso nas aulas de geografia.

e) Trabalhos de Campo - é um recurso didático de suma importância no ensino de geografia, pois possibilita a compreensão do mundo e da vida para além da transmissão dos

conteúdos. É um recurso que torna os conteúdos significativos, podendo fazer com que os alunos vivenciem, tornando-os parte de suas experiências pessoais. Braun (2005, apud PUNTEL 2006, p. 87) explica da seguinte maneira:

O trabalho de campo possibilita diferentes leituras e uma reflexão sobre o espaço geográfico. Assim, ele deve ultrapassar o caráter descritivo. O trabalho de campo, nos dias atuais, não pode ser compreendido apenas como coleta de dados e informações. Necessita ser entendido como um processo de articulação do sujeito com a realidade, possibilitando a inserção do sujeito na sociedade, reconstruindo o mesmo e a sua prática social. O ato de ir a campo pressupõe a interação e a vivência com a realidade pesquisada.

Essa é uma atividade que, através do reconhecimento dos lugares e das experiências do espaço vivido, os alunos irão sentir e perceber que as paisagens estão repletas de significados que fazem parte de suas vidas. Este recurso pode ser utilizado nas escolas aplicando como metodologia o estudo do meio. Que, segundo Pontuschka (1996), o estudo do meio é uma forma de estudar as modificações do espaço no tempo, analisando suas marcas na própria paisagem. Tais marcas retratam as relações sociais e as vivências em tempos diferentes, ligando o passado ao presente.

f) Livro Didático - constitui um dos recursos mais utilizados atualmente em sala de aula. O livro continua sendo o grande referencial para alunos e professores das escolas públicas e privadas do País.

O livro didático é um instrumento de apoio, muitas das vezes básico, para o professor, como argumenta Stefanello (2008, p.86, apud CALADO 2012, p.16) quando afirma que “o livro didático é, sem dúvida, instrumento indispensável para o ensino, não como mero objetivo de levar informações ao aluno, mas por ser uma ferramenta no processo de construção do conhecimento”.

A utilização do livro não deve ser somente para fazer as leituras, e sim para fazer resumos, observações de imagens, interpretações dos textos, etc. Significa que, apesar dos atrativos de outros recursos, jamais devemos descartar o livro didático. Ele é um recurso de grande valor, capaz de contribuir no processo de conhecimento dos alunos.

O livro possui um grande valor no processo de ensino-aprendizagem, mas o professor não pode tê-lo como única fonte de apoio ou informação. Existe uma necessidade de se buscar novas metodologias e novos recursos para que se realizem uma boa aula. Sendo um objeto de

conhecimento, o mesmo jamais pode tornar-se o sujeito do processo ensino-aprendizagem. Portanto, os professores devem inovar principalmente o ensino da geografia, saindo do tradicionalismo e tendo o livro como um mediador entre professor e aluno. Puntel (2006) baseada no Guia dos Livros Didáticos afirma que:

O objetivo do livro didático é estimular a curiosidade e o interesse para o desenvolvimento dos conhecimentos geográficos, assim como instigar a discussão, a análise e a crítica acerca deles. Ele não deve se construir no único material de ensino em sala de aula, mas ser referência no processo de ensino aprendizagem.

Assim, compete ao professor a análise crítica na utilização do livro didático de geografia, para que não permita que os alunos fiquem alienados com conceitos e definições já prontos, pois este acaba colaborando para a formação cultural e social, já que se mantém como recurso presente em sala de aula, ainda hoje, como fonte principal de reflexão nas escolas.

4.3 Considerações parciais

Dada à importância da Geografia enquanto ciência e disciplina fica subentendido suas diferenças, ambas importantes e complementares para a construção do conhecimento, mas, que jamais podem ser desvalorizadas. No que tange a variedade de recursos didáticos para trabalhar a geografia, estes podem tornar as aulas mais construtivas e dinâmicas, deixando pra trás o tradicionalismo, cujo aprendizado se dá apenas de forma verticalizada, onde o aluno só recebe informações.

Para por fim a essa prática tradicional o professor terá que criar possibilidades e traçar novos caminhos para que se efetive, na prática, um aprendizado que se dê a partir de uma construção mútua, cujos autores sejam professores e alunos, na busca de ressignificação do saber. Nesse âmbito, vê-se nos recursos didáticos um auxílio que favorece uma maior participação dos educandos nas aulas, o que contribui para o desempenho escolar.

São muitos os recursos didáticos que podem ser trabalhados na disciplina geografia. Levando em consideração os recursos mencionados acima, percebe-se a importância destes para ensinar geografia, desmascarando a concepção de que esta é uma ciência decorativa e não construtiva.

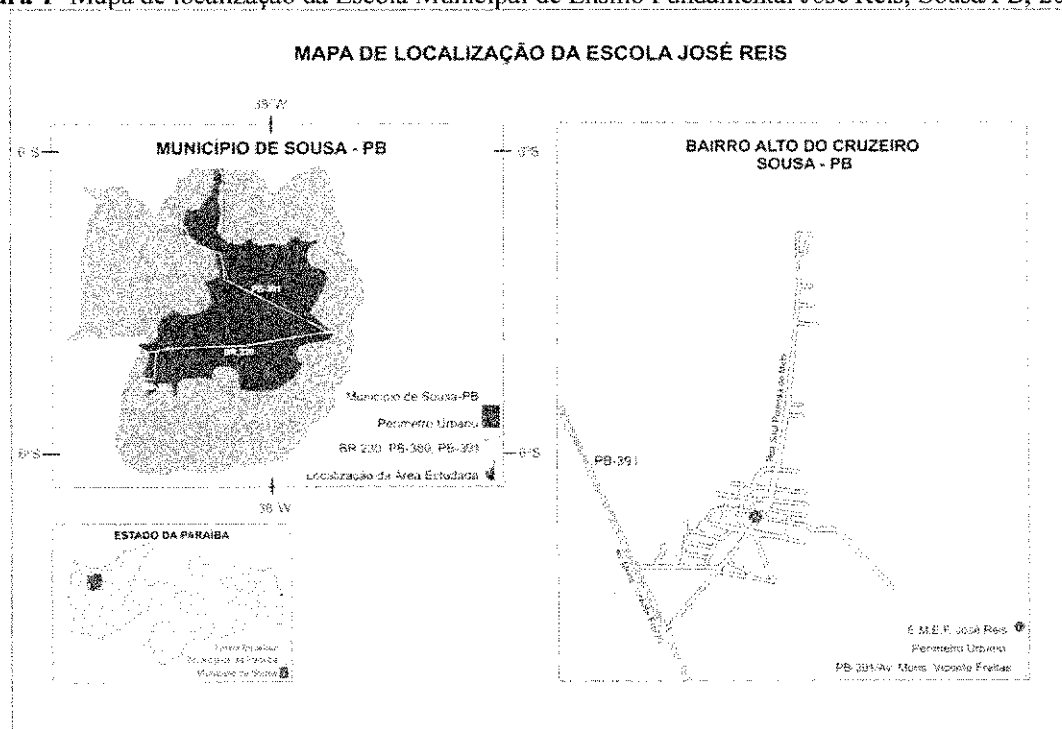
5 - A CONCEPÇÃO DE PAISAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste capítulo serão apresentados os resultados do estudo, fazendo as devidas discussões, a partir do referencial teórico, correlacionando com os dados levantados na pesquisa. Inicialmente, é feita a caracterização da escola José Reis, enfocando os pontos principais do Projeto Político Pedagógico- PPP. Em seguida, são analisados 21 questionários, 1 da professora e 20 dos alunos, abordando questões sobre o ensino de geografia, e sobre a construção e aplicação do conceito de paisagem em sala de aula. Além, de uma breve análise do livro didático adotado no 6º ano do ensino fundamental da escola.

5.1 Características Gerais da Escola

A escola escolhida para a obtenção dos dados desta pesquisa está localizada no município de Sousa-PB, mais precisamente no Bairro Alto do Cruzeiro na Rua Saul Pedrosa de Melo, s/n.

Figura 1- Mapa de localização da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Reis, Sousa/PB, 2014.



Fonte: Elaborada por Délio Jackson, 2014.

A referida escola foi fundada no dia 08/12/1973 e recebeu o nome de Grupo Escolar José Reis, iniciando suas atividades em 1974. Recebe alunos tanto da área urbana quanto da zona rural do município de Sousa. Inicialmente foi construída em uma área muito pequena para suprir a demanda dos estudantes, atualmente apresenta uma área mais adequada. Já passou por duas reformas: uma no ano de 1985, durante a gestão do prefeito Nicodemos de Paiva Gadelha e outra na administração de Mauro Abrantes Sobrinho, em 1993. Em ambas foram contempladas a construção de mais salas de aula e ampliação de espaços. As reformas foram realizadas com recursos do salário educação, através do convênio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), governo do Estado da Paraíba e Prefeitura Municipal de Sousa.

A referida instituição recebeu o nome de José Reis em homenagem a um defensor da educação, que atuava como professor leigo. Apesar do pouco conhecimento docente, ensinava aos jovens, sem cobrar nenhuma remuneração, constituindo um exemplo de cidadania.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizada a caracterização da escola por meio de observação das aulas e do espaço físico, a fim de conhecer melhor o ambiente escolar. O professor pesquisado também contribuiu na obtenção de dados quanto ao dia a dia escolar, as relações e as vivências pessoais, colaborando de maneira significativa no desempenho do estudo (Quadro 1).

QUADRO 1- Caracterização da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Reis

Número de alunos e professores	508 alunos e 32 professores 20 alunos e 1 professora entrevistados
Perfil da Escola e dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> -A escola está situada em um bairro pobre da cidade. -Oferece educação infantil e o ensino fundamental em dois turnos além da Educação de Jovens e Adultos (EJA) à noite. -Recebe alunos de bairros vizinhos. -Apresenta uma Infraestrutura precária. -Avaliação é feita através de notas qualitativas e quantitativas. -Ocorrem reuniões pedagógicas mensalmente. -Não desenvolve nenhum projeto. -Possui um alto índice de evasão escolar.

	<ul style="list-style-type: none"> -Os alunos são indisciplinados. -A estrutura familiar é precária. -Apresenta um nível socioeconômico baixo.
Metas da Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Construir um ser humano crítico, livre, participativo e responsável. -Construir uma sociedade transformadora e igualitária -Elevar o nível de aprendizagem. -Motivar os pais a acompanhar seus filhos nas atividades escolares para um melhor rendimento escolar. -Capacitar os professores com novas técnicas e métodos de ensino. -Oferecer cursos de preparação para o pessoal técnico, diretor, secretário e auxiliares de disciplinas. - Diminuir o índice de repetência. -Reduzir o índice de evasão.

Fonte: Pesquisa “in loco” (2013)

Podemos assinalar através dos dados, que o número de professores é insuficiente para atender a demanda de alunos. Possui salas com quantidades excessivas de alunos, dificultando o trabalho dos professores em manter a disciplina, comprometendo principalmente o aprendizado em sala de aula. Visto que a escola apresenta metas do ponto de vista pedagógico corretas, mas, que não são cumpridas como manda o Projeto Político Pedagógico.

Foram observadas em seu perfil, características que comprometem a aprendizagem, como indisciplina, infraestrutura precária, ausência de projeto pedagógico que possa melhorar a qualidade do ensino. Conhecendo tais características da escola, mostrados no quadro acima, a distribuição dos alunos por turmas e turnos, está esquematizada na tabela 1.

Tabela 1- Distribuição de alunos por turmas e turnos

Turno	Turma	N.º de alunos	Especificação
Manhã	8	132	Ed. infantil II, III e 1º ao 5º ano
Tarde	8	292	5º ao 8º ano
Noite	4	84	5º ao 8º ano (EJA)

Fonte: Pesquisa “in loco” (2013).

No que se refere à distribuição dos 508 alunos nos três turnos: pela manhã é composta por crianças distribuídas na educação infantil e no Ensino Fundamental I; no turno vespertino, foi verificado um maior número de alunos, tendo em vista a demanda de discentes provenientes principalmente, da zona rural do município, cursando o Ensino Fundamental II. O turno da noite apresenta uma quantidade menor de alunos, em relação ao total atendido pela escola, formado por adultos que trabalham durante o dia e tentam concluir os estudos através do programa de Educação de Jovens e Adultos.

A escola encontra-se organizada em séries anuais, com carga horária mínima do ano letivo, estabelecida em oitocentas horas, distribuídas no mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar. A duração da hora aula, para o EF é de 45 minutos. A escola, atualmente gerida pela Diretora Antonia Maria da Silva, pertence à esfera administrativa municipal, sob coordenação da Secretaria de Educação de Sousa.

A escola funciona em instalações próprias do patrimônio da Prefeitura Municipal, está fisicamente estruturada nos seguintes espaços: salas de aula (07), diretoria (01), laboratório de informática (01), biblioteca (01), cantina (01), pátio (01), auditório (1), almoxarifado (01), banheiros (01), ambiente para professores (01). A escola realiza a matrícula de alunos, a partir dos 4 anos de idade, todos oriundos de Sousa, tanto da zona rural quanto urbana.

Complementando a caracterização do espaço físico, foram realizadas observações da rotina e atividade em sala de aula, que possibilitaram melhorar nossas análises sobre a escola. A elaboração desta pesquisa constituiu uma experiência reveladora dos fatores positivos e negativos que a instituição apresenta no seu dia-a-dia. Fazendo uma breve análise do funcionamento da escola, abordando principalmente a relação ensino-aprendizagem naquela unidade escolar.

Quanto à estrutura, a escola apresenta em sua fachada indícios de degradação, com pintura antiga, pichações no portão e nas paredes (Figura 2). Na parte interna da escola foi

observado um aspecto carente, com salas de aulas pequenas, com carteiras quebradas, portas riscadas e o piso do auditório em cimento grosseiro (Figura 3). Cada sala contém dois ventiladores, sendo que nem todas elas possuem janelas, são ambientes quentes e mal arejados. Estas características possibilitam inferir que a escola apresenta estado de precariedade.

Figura 2: Fachada da escola



Fonte: Autora, 2014.

Figura 3: Sala de aula



Fonte: Autora, 2014.

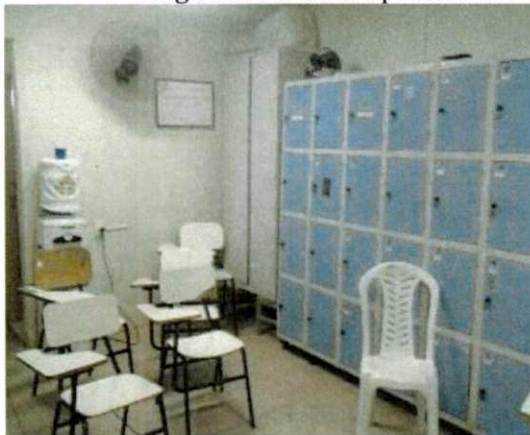
A diretoria e a sala dos professores são ambientes apertados com pouco espaço para guardar a documentação da escola e os materiais dos docentes. Pode-se perceber que a sala dos professores não possui mesas para trabalharem, apenas carteiras que mal dão para apoiar os livros, características que dificultam a atividade docente (Figura 4 e 5).

Figura 4: Diretoria da escola

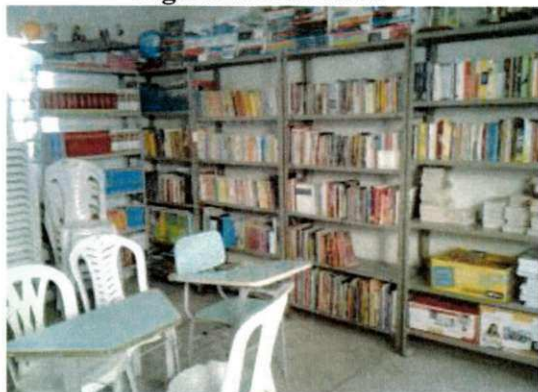


Fonte: Autora, 2014.

Figura 5: Sala dos professores



Fonte: Autora, 2014.

Figura 6: Biblioteca

Fonte: Autora, 2014.

Figura 7: Sala de informática

Fonte: Autora, 2014.

Como visualizado nas figuras 6 e 7, pode-se observar que a biblioteca não possui muitas opções de livros e a maior parte deles está desatualizada. A escola conta com apenas um computador para a realização dos trabalhos dos professores. Já a sala de informática, para atendimento dos alunos, apresentou-se com equipamentos quebrados e em número insuficiente para todos. Segundo informações colhidas no local, partes dos equipamentos foram retirados da sala para conserto. Por outro lado, os alunos expuseram que é rara a ida deles a esse ambiente para fazer pesquisas. Isso demonstra que o estado do setor de informática da escola também se apresenta seriamente comprometido.

Existe um pequeno auditório para a realização das festividades da escola, além, de servir de repouso para os alunos nas horas das refeições, visto que a cantina faz parte do espaço. Existe também, um pátio que se encontra em condições de abandono, servindo apenas de estacionamento de motos e bicicletas, (Figura 8 e 9).

Figura 8: Auditório

Fonte: Autora, 2014.

Figura 9: Pátio

Fonte: Autora, 2014.

De acordo com as descrições e imagens mostradas, é possível inferir que as instalações da escola encontram-se em estado de precariedade do estabelecimento de ensino. É clara a necessidade de intervenções para a melhoria do aspecto físico, visando possibilitar a acomodação dos professores e alunos, fator que contribui para a qualidade do ensino aprendizagem.

Apesar dos problemas abordados, os professores relataram que fazem o possível para proporcionar uma boa aprendizagem. Ministram aulas de incentivo, nas quais relacionam a realidade vivida por cada um, motivando com exemplos de vida. Porém, falaram que não tem obtido êxito, pois, o alunado é “muito trabalhoso” e mostram “não querer nada com a vida”, fazendo com que os professores se sintam frustrados.

No aspecto da disciplina escolar, observamos que a direção e coordenação tenta manter a disciplina, mas dificilmente tem êxito. O respeito entre professor e aluno se encontra comprometido, os alunos proferem palavrões ao serem questionados, poucos obedecem. Isto pode ter relação com o tipo de educação familiar atualmente presente na sociedade.

5.2 Aspectos gerais do Projeto Político Pedagógico

O PPP da Escola José Reis, foi reformulado no ano de 2010, por motivo da necessidade de se rever algumas considerações a respeito do processo, objetivos do ensino-aprendizagem. O PPP deve ser entendido como um processo passível de mudanças, que estabelece princípios e diretrizes. Pode ser considerado como uma saída para buscar entender o porquê, para quê, como, e o que ensinar diante das transformações que vem ocorrendo na atualidade. Assim, cada membro da escola pode resgatar o prazer de participar desta trajetória, construindo um futuro promissor.

Este documento tem como objetivo geral contribuir no desenvolvimento de uma educação idealizadora e de qualidade, centralizada na valorização do aluno cidadão, garantindo sua participação em todo processo de ensino-aprendizagem. Como também o vínculo entre escola e família com o objetivo de formar alunos conhecedores e consciêntes de seus deveres e direitos, na construção de uma sociedade plural e justa.

Os objetivos específicos são promover uma educação inovadora, capaz de efetivar mudanças, incluir a família numa parceria com a educação de qualidade, estimular as competências e potencialidades do educando. Estabelecer valores éticos-cidadãos que visem desenvolver o respeito mútuo, o compromisso, a solidariedade e a união dentro de um ambiente

saudável. Por meio destas discussões e reflexões relacionadas à educação, a escola entende que ela é um veículo de solução para os problemas sociais, como também uma forma de melhoria de vida e conseqüentemente, de um país melhor.

Para chegar a este entendimento de educação, a comunidade escolar precisou elaborar alguns conhecimentos de acordo com os PCNs e teóricos como: Paulo Freire, Piaget e Vigotsky, buscando-se nestes, uma escola que entende e propõe uma educação voltada para a formação de um cidadão capaz de vivenciar e solucionar os problemas surgidos na vida diária.

A Escola busca nos fundamentos filosóficos, formar pessoas conhecedoras e defensoras dos seus direitos, para que sejam igualitárias a todas as outras pessoas. Trabalhando nessas perspectivas, procuramos contribuir na construção do conhecimento dos alunos norteados não apenas em um método, mas sim, em propostas metodológicas e teóricas, baseadas nas discussões de Paulo Freire e Piaget.

Os professores comprometidos com a educação tem procurado qualificar-se cada vez mais, para proporcionar ensino de qualidade. Assim, aos poucos a escola vai deixando para traz aquela “educação bancária” segundo denominação de Paulo Freire, onde o professor apenas deposita conhecimento no aluno. Nesta evolução, a transformação elabora a chamada educação libertadora, não apenas de conhecimentos, mas de praticas sócias e políticas.

O currículo da escola José Reis é composto de temas interdisciplinares abordando temas transversais de forma globalizada, o supervisor assume o papel do orientador no planejamento, dando sugestões, colhendo opiniões para que seja elaborado um plano participativo. No próprio planejamento são definidos objetivos e conteúdos a serem trabalhados e uma metodologia variada, para que sejam atendidos os objetivos desejados.

Nota-se, que os objetivos deste documento são de fundamental importância para a escola, mas estão longe de serem alcançados, pois, na maioria das vezes só funciona no papel, um exemplo disso, é que existem professores que trabalham em determinadas escolas, e nem tomam conhecimento dos objetivos e filosofias da escola.

5.3 A Paisagem no Livro Didático de Geografia

O LD é considerado um objeto de conhecimento muito importante, mas, não pode se transformar em sujeito do processo ensino aprendizagem. O livro é uma ferramenta que pode ajudar o professor a alcançar seus objetivos na melhoria do ensino.

A análise descrita foi baseada no LD de Geografia destinado para o 6º ano do EF intitulado como “*Projeto Araribá Geografia*”, 2ª edição, obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna, de autoria de Sonia Cunha de Sousa Danelli, em 2007. Para sua análise foram determinados alguns critérios que podem ser encontrados na introdução no tópico que aborda a metodologia.

O público destinado são crianças de faixa etária de 10 a 12 anos de idade. Em consequência disso, os autores buscaram fazer a apresentação do LD, utilizando uma linguagem adequada para o nível dos alunos, abordando de um modo geral o Espaço Geográfico. Apresenta uma estrutura de conteúdos diversificados de forma organizada. Aborda questões da Geografia humana, dando ênfase principalmente aos assuntos da Geografia Física.

A *unidade I*, intitulada “A Geografia e a Compreensão do Mundo,” é subdividida em quatro capítulos, sendo que o primeiro capítulo aborda a importância do conceito de Paisagem, espaço e lugar, mostrando como se deram as modificações das paisagens terrestres através da intervenção do Homem. Os três últimos são voltados para a orientação e localização dentro do espaço geográfico, além da importância e compreensão do mesmo. Discutem a dinâmica do espaço geográfico e a contínua transformação histórica da sociedade. Ao discorrer nestes capítulos, percebe-se que estão sempre separando os elementos naturais dos culturais, facilitando assim o entendimento dos alunos.

Um ponto muito importante encontrado no primeiro capítulo e que os autores explicam que, a paisagem não é só o belo, aquela considerada natural como árvores, pássaros, flores entre outros, e sim o que não é belo também faz parte da Paisagem, tudo está interligado. Estes capítulos estão divididos em vários subtítulos, o que ajuda na compreensão da leitura.

Na *unidade II* “O Planeta Terra” é abordado do quinto ao oitavo capítulo, sendo que os três primeiros, explicam a origem e formação do planeta Terra, a formação dos continentes da Terra e por último aborda o movimento das placas tectônicas. Esta unidade apresenta desenhos

do globo terrestre, do sistema solar, bússolas e projeções cartográficas, o que facilita o entendimento do espaço geográfico.

A *Unidade III*, “Os Continentes, As ilhas e os Oceanos”, vai do nono ao décimo segundo capítulo, voltados para a parte hidrológica da Terra. Aborda a distribuição das águas na superfície terrestre, exemplificando cada um com seus devidos conceitos. Além de aprofundar-se no que se refere aos oceanos, mares e rios, explica a divisão política das terras emersas, divididas em seis continentes: América, África, Europa, Ásia, Oceania e Antártida. Depois diferenciam ilhas de arquipélagos, oceanos e mares, usando a expressão das grandes paisagens naturais para facilitar a compreensão do tema em estudo.

“Relevo e Hidrografia” é o conteúdo abordado na *Unidade IV*, do décimo terceiro ao décimo sexto capítulo. Nesta unidade, nos três primeiros encontramos o processo de formação das rochas que estão divididas em magmáticas ou ígneas, sedimentares e metamórficas, e no último a importância das bacias hidrográficas do Brasil. Em vários momentos há uma preocupação em articular os aspectos físicos com os humanos e retomam o conceito de paisagem para explicar os diferentes tipos de solos existentes.

A *Unidade V* retrata o “Clima e Vegetação”, do décimo sétimo ao vigésimo capítulo, discutindo o tempo e seus diferentes elementos e estados. Faz uma diferenciação dos tipos de clima do Brasil e importância para nosso ecossistema. Trabalha as paisagens vegetais do planeta, os tipos e os fatores que influenciam a vegetação. Aborda também as paisagens vegetais do Brasil.

Na *Unidade VI* o tema é “O campo e a Cidade”, retratados do vigésimo primeiro ao vigésimo quarto capítulo. Recorre ao conceito de Paisagem rural e urbana para argumentar os diferentes tipos de trabalho que diretamente transformam o espaço geográfico. Modificações essas ocasionadas pelo Homem como a erosão do solo, os efeitos das queimadas, a degradação dos solos, uso inadequado de produtos químicos entre outros.

Trata da Geografia Humana e novamente traz a discussão de Paisagem para entender as mudanças provocadas pelo homem no espaço através das relações de trabalho e de poder. Assim, percebe-se que em todas as unidades do livro, a Paisagem é sempre retratada de forma que possa reforçar os outros temas, assim, ela vem sendo debatida em vários capítulos do livro didático. Isso é um ponto favorável, pois faz com que o aluno fique sempre lembrando e reforçando a temática já estudada.

Já na *Unidade VII*, do vigésimo quinto ao vigésimo oitavo capítulo, o livro discorre sobre o “Extrativismo e Agropecuária”. Aborda a importância dos recursos naturais, do extrativismo, da agricultura e pecuária do Brasil e explica os setores de produção da economia brasileira.

Por fim, na *Unidade VIII* discute-se sobre a “Indústria, Comércio e Prestação de Serviços”, indo, do vigésimo nono ao trigésimo segundo capítulos. Trata da Geografia Humana, abordando questões de trabalho, comércio, indústrias e tecnologias.

A partir da análise de todas essas unidades, verificou-se que os capítulos apresentam textos curtos, coerentes e conceituados de acordo com os assuntos abordados, facilitando o entendimento do leitor. No final de cada capítulo oferecem atividades complementares, indicação de filmes, sites para pesquisar, referência para ler mais e textos de outros autores para complementar e reforçar as unidades do livro, além do glossário que serve de ajuda nos significados das palavras.

Há também várias imagens contidas nos capítulos, que servem para facilitar a compreensão dos assuntos pelos alunos, além de propiciar ao professor uma riqueza de detalhes que podem favorecer muito no aprendizado dos alunos. Por isso, a Paisagem torna-se um importante recurso nas aulas de geografia, porque abre novos horizontes para entender outras realidades.

Para cada capítulo, os autores convidam o professor a ler mais sobre o assunto, propondo leituras de outras referências bibliográficas. Apresentam ideias para que o professor planeje suas aulas de formas mais construtivas, que motive os alunos a participarem das aulas e a refletirem sobre o tema em estudo. Para isso, os autores convidam o professor a ler e a ter um conhecimento mais detalhado dos assuntos para trabalharem com seus alunos.

Constatou-se que o mesmo apresenta mais imagens do que conteúdos, deixando os alunos presos a essas imagens. Claro que elas são importantes, mas, como complemento na hora da explicação, para que venha facilitar a leitura e compreensão dos alunos.

Em suma, a obra é visualmente atrativa, possuindo um arsenal figurativo de boa qualidade, mas, que perde seu valor em seu caráter significativo, porque, possui mais imagens do que contexto.

5.4 O professor e sua visão de paisagem no ensino de Geografia

Para a realização desse estudo foi elaborado um questionário com 11 perguntas e respondido pela professora de Geografia. Este questionário teve como objetivo conhecer a sua visão a respeito do ensino dessa disciplina com ênfase na aplicação do conceito de paisagem e fornecer subsídios para posteriores análises. Buscamos verificar as metodologias adotadas para o ensino desse tema com os alunos do 6º ano do EF, além de identificar como a professora utiliza o livro didático (LD). Nossos levantamentos sobre a formação profissional da docente estão sistematizados na tabela 2.

Tabela 2- Características da formação profissional docente

Área de formação	Licenciatura em Geografia
Instituição	UFMG
Ano de conclusão de curso	2002
Anos de Docência	26 anos
Carga horária semanal	24 horas/aula
Pós-Graduação	Especialização em Geopolítica e História (2003)

Fonte: Autora, 2013.

Salienta-se que, a docente colaborou prontamente com a pesquisa. Tendo um posicionamento correto, sem se mostrar, de maneira alguma, incomodada com as perguntas feitas para a realização do estudo.

A partir dos dados da tabela 2, nota-se que a professora concluiu sua Licenciatura em Geografia no ano de 2002, logo no ano seguinte, em 2003, concluiu sua pós-graduação em Geopolítica e História, também pela Universidade Federal de Campina Grande (UFMG). A partir dos dados, constatou-se que ela possui formação acadêmica recente, mas possui 26 anos de experiência profissional, ensinando na escola José Reis há 20 anos. Partindo da análise dos dados, identifica-se que a professora lecionou durante 15 anos, antes de concluir sua graduação. Este dado possibilita inferir uma possível influência do tempo de experiência profissional sobre a formação acadêmica. Ao se observar as relações em sala de aula, durante a execução da pesquisa, entende-se que a formação acadêmica não foi suficiente para promover o desenvolvimento de práticas docentes significativas.

Com o intuito de observar e analisar o modo de aplicação do conceito de paisagem para o ensino, será feita a apresentação dos resultados do questionário aplicado para a professora. O modelo do questionário se estrutura em perguntas e respostas. As respostas foram lidas e analisadas criteriosamente, as discussões serviram de base para entender como está o nível da qualidade de ensino na escola pesquisada.

a) Qual o conceito que você atribuiria à geografia e qual sua importância?

“A Geografia é uma disciplina que estuda o mundo com suas partes geográficas e atualidades”.

A professora entende a Geografia como uma disciplina. Subentendendo como uma disciplina escolar, considerando sua vivência, experiência profissional docente. Ela entende que o objetivo da geografia é estudar um dado objeto. Este objeto, “o mundo” é formado por constituintes geográficos no tempo presente. Sabemos que se atribui à geografia uma grande responsabilidade em abordar questões globais. Para tanto, a geografia possui categorias de análises que interligadas possibilitam estabelecer uma totalidade para compreensão do mundo. Lage (2004, p.07, apud OLIVEIRA 2009, p. 5) corrobora esclarecendo que:

A geografia distingue-se no âmbito do conhecimento humano pelo caráter do seu objeto de estudo – o espaço geográfico. Espaço que se pode analisar em suas várias “metamorfoses”: Paisagem, lugar, região, cidade, campo, entre outras (...) o “fazer geográfico” perpassa por esse entendimento e pela busca de superação dessas dificuldades, criando um “saber geográfico consistente que permita o surgir do “ser geográfico”.

Considerando estas palavras e comparando com a análise da resposta da professora, percebe-se a ligação existente em suas colocações, quando fala que a geografia estuda o mundo. Os autores colaboram, afirmando que o objeto de estudo da geografia pode ser analisado e entendido de várias maneiras. Desse modo, a resposta ficou a desejar na falta de detalhamentos e especificidades, dificultando sua compreensão. Desde então, para que os alunos possam compreender a importância do objeto de estudo da geografia, o professor enquanto mediador deve usar a realidade de cada um através de suas vivências, para explicar as relações existentes no espaço, para assim facilitar o aprendizado em sala de aula.

b) Você gosta de ser professora? Por quê?

“Sim, porque através da geografia conhecemos o mundo, suas localizações, as divisões políticas, culturas diferentes e outros mais.”

A professora afirma que sim. Contudo, sua resposta se desenvolve em uma frase pronta, sem aprofundar, refletir ou relacionar a atividade profissional com a prática docente. Considera-se que, apesar da resposta vaga, o assentimento é um bom começo, pois, para ter um desempenho positivo e provocar mudanças em sala de aula é preciso ter prazer, dedicação e gostar de ensinar para se ter resultados significativos no futuro.

Por meio de sua resposta, fica entendido, que o mundo pode ser compreendido através das variadas maneiras proporcionadas pela geografia. Ela cita alguns elementos que contribuem para o entendimento da dinâmica do mundo como: as “localizações, as divisões políticas, culturas”, as relações sociais, entre outros. A geografia é uma disciplina que permite aos alunos construir seus próprios conhecimentos, que serão de grande importância ao longo da sua vida.

De acordo com os (PCNs, 1988), adquirir conhecimentos básicos de geografia é algo importante para a vida em sociedade, em particular para o desempenho das funções de cidadania: cada cidadão, ao conhecer as características sociais, culturais e naturais do lugar onde vive, bem como as de outros lugares, pode comparar, explicar, compreender e espacializar as múltiplas relações que diferentes sociedades em épocas variadas estabelecem com a natureza na construção de seu espaço geográfico. Além de possibilitar a construção de um fazer comunitário e o respeito pelas diferenças dos grupos sociais.

A terceira pergunta foi sobre o conceito de paisagem, foco principal para realização do presente estudo:

c) O que você entende por paisagem?

“Paisagem é tudo que vemos ao nosso redor, dependendo do momento.”

Este é um conceito utilizado por muitos geógrafos ao conceituar a paisagem. Através da resposta percebemos uma generalização quando a professora fala que paisagem é tudo que está ao nosso redor, usa um condicionante temporal, “*momento*”, ou seja, fica entendido que a

paisagem possui fluidez uma dinamicidade que depende do tempo para entendermos sua complexidade. Para melhor compreender a resposta, Santos afirma que a paisagem:

Pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. [...] A paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço. (SANTOS, 2008, p. 40).

Portanto, essa dinamicidade e fluidez apresentada pela professora, tem muito haver com o conceito de paisagem atribuído por Santos, ou seja, a paisagem é muito mais do que o visível, é a interação de elementos históricos, culturais, sociais, entre outros, que interligados compõem o espaço. Desse modo, as palavras da docente possui ligação com a leitura pertinente.

d) Qual a importância da paisagem?

“A paisagem é muito importante, pois pode nos embelezar ou não”.

A paisagem nos pode *“embelezar ou não”*. Percebe-se, que para a professora a paisagem não são só coisas bonitas, aquilo considerado feio também é paisagem, cada uma com seus significados e importância para a geografia. As florestas, as flores, os rios são paisagens consideradas naturais ou belas, mas paisagem não se restringe só a isto, tudo que está ao nosso redor independentemente de ser (bonito ou feio) é paisagem. Além, de ter grande contribuição e importância para entendermos a dinâmica do espaço geográfico, a paisagem nos possibilita a compreensão das transformações que vem ocorrendo ao longo dos anos na sociedade. Sendo, que são a partir dessas transformações ocasionadas pelo Homem que percebemos as modificações nas paisagens, estas consideradas bonitas ou feias, mas, que trazem grandes significados.

e) O livro didático adotado em sala de aula contempla o conceito de paisagem?

“Não, pois muitas das vezes o livro didático foge da realidade dos alunos.”

A professora, através de suas palavras, revela não gostar do Livro Didático (doravante LD) adotado para o 6º ano, intitulado como *“Projeto Araribá Geografia”* e faz uma crítica em

relação ao mesmo, em dizer que ele não contempla os assuntos com a realidade dos alunos, vindo a dificultar seu trabalho em sala de aula. Após conhecer o livro, foi constatado que ele trata sim, do conceito de paisagem, de forma simples e resumida em três capítulos, todos eles ilustrados com imagens, apresentando um contexto claro de vocabulário fácil.

Veamos como o livro aborda o conceito de paisagem. Segundo seus autores (Danelli et al, 2007, p. 12) “a paisagem é tudo que podemos ver no lugar em um determinado momento (em casa, na rua, na escola) tudo é paisagem, não sendo somente o belo, o natural, e sim o conjunto dos elementos naturais dos culturais associados”. Fica comprovado que o LD contempla o conceito paisagem, concorda-se que poderia ser abordado de maneira mais contextualizada e as imagens apresentadas servissem apenas como complemento durante as explicações. Assim, fica subentendido que houve um equívoco em sua resposta, pois a professora se contradiz com que está exposto no LD a respeito da paisagem.

Desse modo, se o livro como foi declarado não contempla com seus objetivos, porque não buscar novas metodologias de ensino que ajudem no desempenho dos alunos em sala de aula e deixar um pouco de lado o livro didático?

f) Qual o referencial proposto no livro didático em relação ao conceito de paisagem?

“Desculpe-me, não me lembro de nenhuma referência no momento, mas prometo dar uma olhada e depois repasso para você”.

Entende-se através de sua resposta, que nunca houve preocupação por parte da professora em saber das referências que o livro propõe para reforçar o assunto estudado. Não sabe da riqueza que está perdendo, pois essas referências nos ajuda a aprofundar-se com os temas e com as nossas pesquisas, e nos proporcionam a construção de novas opiniões a respeito de qualquer tema estudado.

Desse modo, além do LD servir como único recurso didático utilizado em sala de aula pela professora, a mesma, mostra-se não ter curiosidade em saber dos detalhes que o livro apresenta. Constata-se que no final de cada capítulo, o LD aponta autores e obras para complementar e aprofundar as leituras sobre determinados temas. O tema paisagem traz como

referência autores como: Milton Santos (1998), Guerra (2004), Andrade (1997) Branco (1994) entre outros.

g) Você trabalha a temática paisagem em sala de aula? Como?

“Trabalho sim, através da leitura do livro didático, coloco um por um para ler um pouco do capítulo e depois explico o assunto utilizando o quadro de giz para dar alguns exemplos”.

Diante do que foi exposto, percebe-se que a professora utiliza apenas o LD para explicar suas aulas. Conforme as palavras de Rua (1998, p. 89), “o livro didático se torna o grande salvador, o único instrumento de trabalho e o principal intermediador entre os alunos”. Hoje nas escolas presencia-se o LD como o principal apoio em sala de aula, e a maioria dos professores não utilizam outros tipos de recursos, argumentam que as escolas não disponibilizam dos recursos necessários para inovação das aulas, já os diretores e supervisores relatam que é falta de interesse dos professores. O mais viável seria parar de jogar a culpa em um e outro, e tentar melhorar a qualidade do ensino brasileiro.

h) É possível construir a noção de paisagem com alunos do 6º ano? Como?

“É possível sim, quando vou explicar paisagem na sala de aula através do livro didático, sempre procuro dar exemplos de acordo com a realidade de cada um para que eles possam entender melhor o assunto.”

A professora comenta que explica o tema paisagem através do LD. Percebe-se que nas suas aulas o livro é o seu principal instrumento de trabalho. Autores como Silva et al (2007), não concorda que o livro seja o principal apoio para os professores, e questiona afirmando que os livros apresentam problemas, confusões conceituais, efusão de imagens desnecessárias, desvinculação imagem-texto, entre outros, por isso recomendam-se que os professores usem tais recursos com uma atitude crítica em relação aos conteúdos desses, para que este recurso sirva aos propósitos das aulas.

Ao trabalhar o conceito de paisagem, recomenda-se usar outros recursos didáticos, como exemplo, o estudo do meio, seria uma ótima escolha. Poderia dar um passeio no bairro, mostrando as paisagens presentes no percurso de casa para a escola. Para entendermos melhor essa metodologia os (PCNs, 1998), afirma que saídas com os alunos em passeios didáticos são fundamentais para ensiná-los a observar a paisagem. A observação permite explicações sem necessidade de longos discursos. Além disso, estar diante do objeto de estudo é muito mais cativante e prazeroso no processo de aprendizagem.

Para tanto, a aprendizagem em campo torna-se mais dinâmica porque desperta curiosidade e mais atenção dos alunos, por estarem em contato direto com muitas informações, com isso formam conceitos prévios ligados às experiências vividas, além do que na prática é bem mais fácil de aprender porque estão vendo e até mesmo tocando no que está sendo explicado. Com suas palavras reforça Faria (2007, p. 13):

O entedimento da paisagem exige que o professor trabalhe com uma grande parcela de conhecimentos prévios das crianças. O conceito de paisagem permite que várias conexões e interações com as experiências vividas pelas crianças sejam organizadas e sistematizadas para a sua assimilação na medida em que a paisagem é uma materialidade social e culturalmente construída ao longo do tempo-espaço.

Desde então, o professor deve fazer com que o aluno sinta parte da paisagem para que eles descubram qual seu papel diante da mesma, para entender como se dá a interação do passado com o presente para poder compreender a dinâmica da sociedade, caso o professor o afaste de seu papel o aprendizado se dará mecanicamente apenas por memorização de conteúdos.

i) Quais são as facilidades de elaborar e aplicar o conceito de paisagem em sala de aula?

“Elaborar o conceito de paisagem para o 6º ano é fácil, pois o livro já traz tudo bem claro, e é uma temática boa de ensinar. E para aplicação em sala de aula utilizo muito a realidade em que eles convivem.”

Novamente a discussão em relação ao LD, como principal instrumento de ensino, está sempre em primeiro lugar em seu discurso. Para tanto, entende-se que essa é uma rotina presente, que conduzem a desmotivação e falta de interesse dos alunos, por se tornarem cansativas e chatas

as aulas de geografia. Sua resposta revela que o tema Paisagem é fácil de ensinar, e para sua aplicação utiliza a realidade presente no cotidiano de cada um de seus alunos. Seria possível aplicar e interligar o conceito de Paisagem com a realidade dos alunos sem sair da sala de aula? Pode até ser possível, quando a criatividade e profissionalismo, mas, acredita-se que não é tarefa fácil conciliar as duas coisas presa a quatro paredes.

j) Quais são as dificuldades de elaborar e aplicar o conceito de paisagem em sala de aula?

“Não vejo dificuldade em elaborar o conceito de paisagem, mas sim em aplicar porque faltam recursos didáticos e a escola não oferece por ser uma escola muito humilde.”

Sempre o problema está ligado com falta de disponibilidade de recursos didáticos nas escolas. Necessariamente, seria conveniente buscar outras metodologias que ajudassem no desempenho e na aprendizagem dos alunos, novamente, abordaremos o estudo do meio, como um dos melhores recursos encontrados para trabalhar temas como a paisagem. Poderíamos citar também, como exemplo, aulas confeccionadas com cartazes, pinturas, desenhos, proporcionar os alunos a construir maquetes entre outros. A iniciativa depende do professor e não devem esperar só pela escola, o professor deve sempre buscar novas possibilidades para que possa melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem.

j) Quais os recursos didáticos utilizados em sala de aula para trabalhar o tema paisagem?

“Os recursos didáticos utilizados são cartolinas com a paisagem representada através de desenhos, quadro, giz e o livro didático.”

A docente em suas colocações fala que utiliza apenas estes recursos citados acima, para aplicação da Paisagem. Considera-se insuficiente para uma aula de boa qualidade, pois para essa temática seria necessário estudos com o concreto, o real, mas, que a escola não disponibiliza de recursos didáticos para se ter aulas diferentes, nem transportes para fazer estudo de campo. Isso dificulta o processo de ensino aprendizagem ocasionando graves consequências para as próximas séries que irão retomar e aprofundar o assunto, onde serão exigidos o máximo possível de

conhecimentos adquiridos pelos alunos.

Em hipótese alguma, pode-se apontar somente os professores como culpados, como é de costume, a escola também é responsável por impor obstáculos e dificuldades quando o assunto é inovação. Não podemos negar que existem pressões negativas sobre os professores exercidas pelos alunos, habituados com aulas tradicionais e com o comodismo em sala de aula, muitos preferem permanecer do jeito que está. Portanto, de fato isso contribui significativamente para que a prática docente continue de forma precária.

5.5 A visão dos alunos a respeito do ensino de geografia e da paisagem no 6º ano do ensino fundamental

Os dados obtidos através da pesquisa qualitativa, desenvolvida com 20 alunos do 6º ano do EF, tiveram como propósito verificar quais as concepções dos alunos a respeito do ensino da geografia e como eles vêm construindo o conceito de paisagem em sala de aula e quais suas percepções sobre esse conceito nessa série. As respostas trazem consigo uma complexidade que precisa ser analisada com muita atenção, as mesmas foram solicitadas através de perguntas que conduzem mais as incertezas do que a convicções. Vale salientar que os dados dessa pesquisa retratam com fidelidade a realidade da escola, através das respostas expressas pelos entrevistados.

Para chegar às respostas desejadas foi preciso fazer as perguntas passo a passo, para não confundi-los, pois são alunos em processo de construção de opiniões e ainda não tem um nível de abstração formado. Os dados que seguem adiante foram submetidos à análise, e posteriormente organizadas em forma de quadros e tabelas para ajudar na sua compreensão. Para preservar a identidade de cada aluno eles serão identificados como A1, A2, A3, A4 (...). Os resultados analisados no estudo seguem esquematizados nas tabelas abaixo.

Tabela 3- Delineamento da turma

Escola	Disciplina	Ano	Turma	Turno	Nº. Alunos	Sexo	Idade
José Reis	Geografia	6º	A	Tarde	20	16 F 04 M	10 a 13 Anos

Fonte: Pesquisa - questionário aplicado "in loco" (2013).

Como observado na tabela 3, foram ouvidos um total de 20 alunos de Geografia do 6º ano (**turma A**) do turno da tarde, composta por 16 meninas e 4 meninos. Levando em consideração a idade, percebemos que a maioria está na faixa condizente com sua respectiva série entre (10 e 13) anos. Dentre as conversas com os alunos, durante as visitas a escola, foi possível perceber que a disciplina Geografia apresenta pouca reprovação, pois dos 20 entrevistados apenas 1 ficou reprovado nesta matéria. Portanto, pelo baixo índice nota-se que a Geografia não é uma disciplina que causa um bloqueio nos alunos, o que a torna favorável, pois o professor pode tirar proveito disso e fazer da relação ensino aprendizagem algo mais eficaz em sala de aula. A Tabela 4 mostra os dados da primeira pergunta do questionário.

a) Você gosta de estudar Geografia?

Tabela 4- Afinidade dos alunos com a Geografia

	Disciplina preferida	Simpatia	Não Gosta	Tem horror
Número	10	05	04	01
Porcentagem	50%	25%	20%	5%

Fonte: Pesquisa - questionário aplicado "in loco" (2013).

Os dados coletados constataram que a maioria dos alunos tem a Geografia como disciplina preferida, isto é, gostam de estudá-la e sentem simpatia, pois, uma parcela deles a classifica como uma "disciplina em que ver de tudo". É considerada como uma matéria boa, que permite conhecerem e entenderem o mundo. Entre os que não gostam ou tem horror a disciplina, foi relatado que ela apresenta "*sempre as mesmas coisas, as aulas são chatas e cansativas*".

O que poderia ser apontado em relação a esses alunos que não gostam da geografia é: como desenvolver estratégias que possam ajudá-los a melhorar o desempenho em sala de aula, e proporcionar condições para que construam seus próprios conhecimentos, conduzindo-os a uma aprendizagem significativa. Para tanto, é necessário aplicar novos métodos de ensino, ou ao contrário, acarreta-se um desinteresse no aluno, o que poderá chegar a abandonar os estudos, por não ter afinidade com os temas abordados em sala de aula por esta disciplina.

b) O que você entende sobre geografia?

“A geografia estuda tudo que existe no nosso planeta” (A1, 10 anos).

“ A geografia é a matéria que estuda a Terra” (A2, 12 anos)

“E o estudo da superfície da Terra” (A3, 12 anos).

“Estuda o mundo e suas transformações” (A4, 11 anos).

“O estudo do universo e da humanidade” (A5, 13 anos).

Percebe-se que são argumentos que exprimem relação com a Geografia. Embora sejam conceitos básicos, são bem construídos, pois é nesta fase que os alunos começam a construir seus conhecimentos. As respostas são definições genéricas de acordo com a capacidade perceptiva e formação de opiniões, os mesmos fazem relação da Geografia com o planeta Terra, com o universo e com as transformações da humanidade.

Todos os conceitos citados são abordados pela Geografia, então as respostas dos alunos apresentam afinidades e acertos, mas, que precisam ser aprimoradas. Logicamente que nesse nível de ensino os alunos ainda não apresentam conceitos formalmente estabelecidos, estando em processo de formação. A partir das respostas dos alunos, percebe-se que existe uma convergência de entendimento do objeto ou da finalidade da geografia, visto que ainda é considerada por muitos geógrafos como a ciência que estuda a Terra. Não concordando com isto Kaercher (2003, p. 123) aborda que:

Dizer que a geografia “é o estudo da Terra”, embora correto do ponto de vista etimológico, é uma tautologia (...). Quase todas as ciências estudam também fenômenos que aqui ocorrem. Logo, a geografia estudaria tudo? (...). A essa generalidade de idéias eu chamaria de vazio geográfico, isto é, anos de Geografia não constituíram nada de específico, de significativo para o aluno.

Assim, existem autores que concordam ou não, com essa pluralidade de idéias que a geografia abrange, os discordantes declaram que a ciência se torna vazia sem um direcionamento específico. Abrindo caminho para novas discussões no âmbito da geografia.

c) Como podemos usar a Geografia no nosso dia a dia?

“Podemos usar a Geografia para entender o mundo” (A6, 10 anos).

“Para mim a Geografia serve para compreendermos o espaço geográfico” (A7, 11 anos).

“A geografia serve para observar e entender os climas de determinados lugares” (A8, 13 anos).

“Posso usar a Geografia para me orientar no espaço, ou seja, se estou no Norte, Sul, Leste e Oeste” (A9, 12 anos).

“Eu posso usar a Geografia para identificar as paisagens” (A10, 10 anos).

“A Geografia serve para nos deixar atualizado com as coisas que acontecem no mundo” (A11, 12 anos).

Os comentários dos alunos são generalistas em sua visão de mundo, mas mantendo sempre ligações com os conteúdos que a Geografia abrange como: espaço, clima, tempo e paisagem, percebemos que eles utilizam duas das categorias da Geografia como, espaço e paisagem, para estabelecer a conexão do ensino de geografia com o cotidiano de vida de cada um.

Desde então, o professor jamais pode deixar a realidade dos alunos de fora das aulas de geografia, pois esta disciplina trabalha os fatos que acontecem no dia-a-dia, e esta atualidade está presente nos seus conteúdos. Se não acontecer esta articulação com a realidade dos alunos, este conhecimento torna-se livresco e apenas teórico. Resende (1986, apud PESSOA 2007, p. 103) corrobora com este argumento afirmando que:

As experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para a aprendizagem. “Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia para ele”.

Desse modo, os alunos devem sentir-se estimulados para que possam intervir em sua própria realidade, e se tornem cidadãos com voz ativa para opinar perante as escolhas que às vezes temos que tomar, e assim, termos uma sociedade mais justa e igualitária. Nas respostas de um pequeno grupo de alunos percebemos desinteresse para com a Geografia, compreendemos que sempre existem rejeições e alunos que não gostam da disciplina como também existem os que tem afinidades com outras.

d) Você considera a Geografia uma disciplina boa ou chata? Por quê?

Ao analisar a fala dos alunos as respostas foram classificadas em tres níveis de argumentação que originou a tabela 5.

Tabela 5- Apreciação das aulas de geografia

Aulas de Geografia	Número de alunos	Porcentagem
Agradável - Interessante	10	50%
Cansativa - Chata	05	25%
Depende dos conteúdos	05	25%

Fonte: Pesquisa - questionário aplicado "in loco" (2013).

Ao perguntar se as aulas de Geografia tem despertado interesse, ou se ela se caracteriza como uma disciplina cansativa, monótona, a maioria dos alunos (50%) respondeu que as aulas de geografia são agradáveis e interessantes, embora tenha também insatisfação de um pequeno grupo, que pode ser consequência da metodologia aplicada pela professora em abordar os conteúdos da disciplina, como pode-se ver nos depoimentos dos mesmos:

"Gosto muito de estudar Geografia é minha disciplina preferida" (A14, 12 anos).

"Acho as aulas de Geografia muito boa, apesar da professora ser um pouco atrapalhada e descansada" (A15, 12 anos).

"A Geografia é sim uma disciplina boa, mas às vezes torna-se besta porque sempre é a mesma

coisa nunca é diferente a maneira como a professora dá as aulas” (A16, 11 anos).

“No ano passado gostava mais das aulas e da professora” (A17, 10 anos).

“As aulas de Geografia são boas dependendo de como são repassadas” (A18, 12 anos).

“A professora nunca muda a maneira de dar as aulas é sempre com o livro, lendo e passando exercícios, detesto” (A19, 11 anos).

Esses alunos que se mostram descontentes com as aulas de Geografia afirmaram que a disciplina é chata e cansativa. Pode-se perceber que existe uma série de insatisfações ligadas a vários fatores como: utilização do livro constantemente; monotonia nas aulas; metodologia inadequada das aulas; entre outros fatores. Causam preocupação os elementos apontados pelos alunos, na forma de condução do discurso geográfico. As aulas desinteressantes e exclusivamente teóricas torna o aprendizado mecânico e memorizado, é preciso buscar alternativas para mudar esse quadro e tornar o ensino de geografia atraente e reflexivo que desperte no aluno o compromisso perante a sociedade em que vive, colaborando no seu desenvolvimento.

Para isso, é preciso trabalhar com os conhecimentos que os alunos trazem de casa, conhecimento considerado empírico. Com este direcionamento a compreensão do que está sendo ensinado se dá de maneira mais fácil. Este caminho tem revelado bons resultados por permitir o diálogo promissor entre professor e aluno. Cavalcanti (2003, p.154) expõe sobre o tema aprendizagem e o papel do professor:

O ensino de qualidade é aquele que adianta o processo de desenvolvimento, orientando-se não apenas para as funções intelectuais já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento. O professor deve criar situações de aprendizagem com os alunos nas quais se possa explorar a área intelectual e social de cada um.

Sendo assim, o professor deve ser um mediador que atue junto com seus alunos numa troca constantemente de conhecimentos e informações. O aluno precisa ser questionado para ser instigado a pensar e assim provocar debates em sala de aula, possibilitando a elaboração individual de opiniões sobre determinados assuntos.

e) O que você entende por paisagem?

Antes de analisar as respostas abaixo, é importante ressaltar que esse tema era abordado logo no começo do ano de 2013, por se tratar dos primeiros capítulos da unidade I do livro didático. Constatou-se que a professora segue a ordem dos conteúdos rigorosamente. Isso vai contra a concepção de Rua (1998, p.88, apud PUNTEL 2007, p. 77), o qual afirma que os conteúdos não são definidos por assuntos de interesses de alunos ou professores, mas, principalmente, pelo livro-texto estandarizado. Significa que o assunto paisagem é trabalhado logo no início do ano, por se tratar do primeiro capítulo do LD, e são definidos a partir do sumário adotado. Nota-se, que a professora segue todas as temáticas adotadas no LD, ficando presa somente ao que está exposto em suas páginas.

Voltando a pergunta acima, se questionarmos as crianças se elas sabem caracterizar ou desenhar uma paisagem, de imediato elas recorrerão a memória em detrimento da percepção do que está em seu entorno. Pois, para expressarem suas ações utilizam a linguagem. Para tanto, a criança quando ouve a palavra “*Paisagem*” ela jamais buscará em sua memória um conceito geográfico já formado. Ela traz consigo situações relacionadas ao ambiente em que vive, como o lazer, o turismo, aos momentos recreativos a algo que lhe faz lembrar uma paisagem. Podendo associá-las as suas experiências que estão diretamente relacionadas com seus conhecimentos prévios.

Sabe-se que o conceito de paisagem é complexo de construí-lo. Significa entender as realidades materiais que se reelaboram dinamicamente todos os dias. Para que o professor possa construir esse conceito de forma que todos venham entender com clareza, é necessário utilizar-se das realidades e interações das crianças. Para isso, o aluno deve sentir-se parte da paisagem e curioso para investigar o seu papel enquanto membro constituinte da mesma. Se o professor não despertá-lo para isso, a aprendizagem se dará apenas por memorização, desconsiderando que o ensinar da geografia se dá ao inserir o aluno na realidade.

O entedimento dos alunos em relação ao conceito de paisagem é de algo natural representado pelas belezas existentes no planeta.

“Paisagem é algo muito bonito, com flores, árvores um lugar lindo de se ver” (A1, 12 anos).

“Paisagem é o verde das matas” (A2, 12 anos).

“A beleza das flores, dos rios, dos passarinhos” (A3, 11 anos).

“Paisagem é tudo de lindo que percebemos nas nossas vidas” (A4, 13 anos).

“Paisagem é o natural, os rios, as montanhas, as cachoeiras, as florestas” (A5, 10 anos).

Observa-se nas respostas das crianças que elas entendem a paisagem como um conjunto de elementos naturais na qual o homem não faz parte. Suas respostas embora não tenham esta clareza, enfatizam a dicotomia entre homem-natureza. Consideram o meio como algo ainda não apropriado pelo trabalho humano. Esta relação estabelecida do conceito de paisagem com o belo é normal de acontecer nessa série, é comum o aluno descrever a paisagem como aquilo que é natural. Nas palavras de Cavalcanti (2004, p.105) é necessário refletir com os alunos sobre essa primeira referência de paisagem sobre o belo; questionar sobre as diferenças entre uma paisagem ideal (bela) e as paisagens reais (feias), que dificilmente os alunos consideram como sendo paisagem.

Os alunos precisam saber diferenciar essas paisagens, pois, mesmo sendo bonito ou feio tudo está relacionado e inserido no espaço geográfico, formando um conjunto indissociável de elementos naturais e culturais. Existindo ainda uma dicotomia entre essas paisagens, há uma separação de conceitos entre ambas, ou seja, aquela na qual não existe a presença do homem, se chama paisagem natural e paisagem cultural seria aquela transformada pelo homem.

Sempre fazendo a compartimentação da paisagem como se elas fossem isoladas sem nenhuma relação entre si. Para tanto, a paisagem deve ser entendida de forma homogênea, onde, natureza e sociedade se juntam formando uma só unidade. Como afirma Bertrand (2004, p. 141) que:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

A definição de paisagem apresentada pelos alunos nota-se uma dificuldade em entender a paisagem como um sistema único. Bertrand (2004) defende a paisagem como uma unidade, uma associação distinta de formas físicas e culturais formando um sistema único em constante evolução.

Durante a atividade de entrevista foram coletadas respostas mais elaboradas identificadas na fase de análise.

“Paisagem é tudo o que está ao nosso redor, é tudo aquilo que nossa visão alcança” (A6, 11 anos).

“Paisagem pode ser natural ou modificada” (A7, 13 anos).

“Paisagem pode ser tudo aquilo que vemos nos lugares onde andamos, como exemplo na nossa cidade, nos bairros nas ruas etc” (A8, 12 anos).

“Paisagem para mim, é a mistura do natural com aquilo que é modificado pelo o homem” (A9, 10 anos)

Das respostas, percebe-se melhoras no nível de compreensão dos alunos, onde caracterizam a paisagem de forma integrada, sem separar a paisagem natural da modificada pelo homem. Sabemos que a paisagem é a junção dos elementos naturais e culturais associados, e os professores não devem ensinar essa temática de forma fragmentada. É necessário que as explicações mantenham um elo desses elementos. Nas respostas, a presença do homem acontece, ficando subentendido que o homem constrói as paisagens fazendo parte dessas transformações. As colocações de Faria (2007, p.6) afirmam que:

A paisagem é um produto dos fenômenos históricos e culturais em constante construção. O que nela visualizamos são somatários das ações humanas, materializadas, ao longo de diversas épocas e permeado por culturas heterogêneas. As diversas sociedades constroem, com suas características, as paisagens que marcam e constituem as realidades.

Entretanto, considera-se que a paisagem surge como resultado do trabalho do Homem, que

vão sendo remodeladas de acordo com as necessidades e exigências de cada um em meio à sociedade.

f) Você acha a paisagem importante? Por quê?

“Sim, a paisagem é importante para compreensão do mundo em que vivemos” (A1, 10 anos).

“A paisagem é importante porque é muito linda” (A2, 10 anos).

“A paisagem é muito importante, pois sem uma paisagem bonita não conseguimos respirar ar puro” (A3, 11 anos).

Dos 20 alunos entrevistados somente três conseguiram colocar seus pontos de vista sobre a importância da paisagem, os demais alunos responderam apenas que é importante mais não souberam responder o porquê. As respostas nos mostra certa imaturidade, mas, deve-se levar em consideração a idade dos alunos, pois estão começando a desenvolver suas abstrações, e não teriam como dar respostas exatas e complexas. Mas, se analisadas com atenção, as mesmas mantêm ligações com a Geografia, quando fala que a paisagem é importante para compreendermos o mundo, e de fato tem sentido, a paisagem é de extrema importância, pois, nos ajudam no entendimento das relações existentes na sociedade.

g) No percurso da sua casa para a escola existe paisagem? Qual

“Não, pois moro muito próximo da escola por isso não existe paisagem” (A4, 12 anos).

“Acho que não existe paisagem nenhuma da minha casa para escola nunca percebi alguma se quer” (A5, 11 anos).

Apenas 02 dos 20 alunos disseram que não existe paisagem no caminho de casa para escola. A professora através de conversas, falou que não sabe o motivo desses alunos, em não saberem responder esta questão, apesar de ter sido abordado e questionado no começo do ano.

Consideramos que por serem apenas dois dos 20 alunos que não responderam adequadamente a pergunta, constata-se que pode ser consequência da falta de atenção nas explicações, e de ausência nas aulas, entre outros fatores. Logo abaixo, segue as respostas dos outros alunos que afirmaram a existência de paisagem no percurso de casa para escola.

“Sim, existe paisagem são as árvores, os pássaros, as casas e os animais” (A6, 10 anos).

“Existe sim paisagem da minha casa para escola, são as crianças brincando nas calçadas” (A7, 12 anos).

“Sim, as paisagens urbanas como prédios, casas, academia e muitas árvores” (A8, 13 anos).

“Sim, a igreja” (A9, 10 anos).

“Paisagem é tudo que vemos na estrada de todos os lados, casas, animais, igreja as plantas entre outros” (A10, 13 anos).

Os demais alunos afirmaram que existe sim paisagem de casa para escola, como pode-se observar são respostas simples e superficiais. Conceituam paisagem de acordo com a visão que possuem dos elementos encontrados no caminho de casa para escola. Cada um, a entende de modos diferentes, uns dizem ser árvores, prédios, animais, pessoas, ou seja, todos tem uma maneira de olhar a paisagem. Embora não saibam ainda conceituar a paisagem com exatidão, mas, possuem conhecimentos de forma generalizada sobre o assunto. Desse modo, esses alunos aperfeiçoarão seus conhecimentos, de acordo com as séries que irão cursar adiante, pois, a vida é um processo de construção de conhecimentos interminável que sempre terá que se renovar.

h) Aponte o que você considera positivo e negativo nas aulas de geografia?

Nas tabelas 6 e 7 são apresentados os aspectos positivos e negativos das aulas de geografia, segundo os alunos participantes do estudo.

Tabela 6 – Aspectos positivos das aulas de geografia

Aspectos positivos	Número de alunos	Percentual
Aborda conhecimentos gerais	08	40%
Construção de conhecimentos	09	45%
Só existem aspectos positivos	04	20 %
Faz relação com o cotidiano	10	50%
Aborda temas da atualidade	12	60 %

Fonte: Pesquisa - questionário aplicado “in loco”, 2013.

Essas respostas, considerando os aspectos positivos do ensino da Geografia possibilitou identificar que esta disciplina é eficaz em propiciar possibilidades de adquirir conhecimentos gerais. Quase todos os alunos reconheceram como algo positivo a geografia ser uma disciplina de conhecimentos generalizados, por abordar temas atuais, do cotidiano de todos, além de construir conhecimentos de várias áreas do saber.

Nota-se que para os alunos a Geografia não tem uma função específica, apenas serve como disciplina que aborda curiosidades, informações ou culturas gerais. Para tanto, a geografia por tratar de conhecimentos relacionados a diversas áreas do saber, na visão dos alunos torna-se uma disciplina que não tem um objeto específico e nem uma percepção definida de estudo.

Para alguns alunos (45%) como mostra a tabela 6, a construção de conhecimentos permite o desempenho de habilidades, atitudes, valores e capacidades, para estes a geografia propicia o poder de discernir, pensar e criticar por conta própria, para assim, poder entender o meio em que vive. Para tanto, os alunos que responderam que só existem pontos positivos fica claro que os mesmos não estão acostumados a questionar a prática pedagógica da professora e aceitam todas as regras impostas em sala de aula.

Os que descreveram a geografia reconhecendo uma relação com o cotidiano de vida das pessoas, explicaram que ela ajuda-os a entender as relações que se estabelecem no espaço, fazendo com que percebam que essas relações também se organizam em escala local como na rua, no bairro, na escola ou na cidade em que vivem. Por fim, a maioria demonstrou ter admiração pela geografia. Quando em sala de aula abordam temas atuais, relataram que são

assuntos ótimos de serem debatidos e sempre algum aluno tem uma opinião a dar, e assim constroem uma aula dialogada.

“Ponto positivo na geografia é quando a professora aborda assuntos polêmicos que estão na mídia”(A11, 10 anos).

“Positivo, quando é ensinado assuntos do nosso cotidiano que servirá para nossa vida.”(A12, 13 anos).

“Adoro quando a professora traz novos temas, pois nos ajudam a entender melhor o mundo”(A13, 12 anos).

“O ensino de geografia nos proporciona o entendimento de vários assuntos e nos ajuda a sermos cidadãos ativos na sociedade”. (A14, 11anos).

“Gosto muito da disciplina de geografia e não vejo aspectos negativos” (A15, 10 anos).

Tabela 7 – Aspectos negativos das aulas de geografia

Aspectos negativos	Número de alunos	Porcentagem
Falta de metodologia da professora	10	50%
Falta de interesse da professora	08	40%
Aula chata e cansativa	06	30%
Só existem pontos negativos	02	10%
Ausência de recursos didáticos	13	65%
Decoreba nas aulas	07	35%
Não faz relação com cotidiano dos alunos	03	15%

Fonte: Pesquisa - questionário aplicado “in loco” (2013).

Ao analisar os dados acima, são notáveis que os estudantes através de suas argumentações evidenciam que o ensino de geografia ainda tem uma visão tradicionalista. As características mostram uma aprendizagem descontextualizada baseadas em métodos descritivos, onde o LD é

usado excessivamente em sala de aula, o que torna as aulas chatas e cansativas. A falta de metodologia é outro problema sério nas escolas, esse foi um ponto debatido por quase todos os alunos, posto que, eles não conseguem abranger de forma clara a importância dos conteúdos geográficos.

Desde então, quando o professor não busca novos recursos didáticos novas possibilidades para se lecionar uma boa aula, os alunos passam a responder de forma mecânica o que o professor exige em sala de aula, se preocupando apenas em obter aprovação nas avaliações sem se importar o mínimo com os conteúdos ensinados. Desse modo, essa forma mecânica de ensinar geografia origina-se numa aprendizagem decorativa, onde só se estuda para fazer as provas bimestrais.

Dentre as respostas caracterizou-se como pontos negativos os seguintes:

“A professora só fala de coisas que não serve para nossa vida que são desnecessárias” (A16, 11 anos).

“Existe muitas coisas que precisa ser melhorada nessa escola como, por exemplo, a falta de recursos didáticos como mapas, globo, aulas de campo etc” (A17, 10 anos).

“Todas as aulas de geografia são dadas pelo livro didático é uma chatisse” (A18, 10 anos).

“A professora não explica bem os temas e passa a metade das aulas fazendo a chamada e o restante lendo o livro” (A19, 13anos).

“Todas as provas de geografia tem que decorar, pois as respostas são prontas iguais as do livro, isso é muito ruim” (A20, 12 anos).

“A professora nunca deu uma aula diferente é sempre igual” (A1, 12 anos).

“Sempre somos nós que lemos o livro página por página na explicação de todos os capítulos” (A2, 10 anos).

i) Você gosta de estudar com o livro didático ou prefere algo diferente nas aulas de geografia?

“Se fosse para escolhermos preferíamos algo diferente para sairmos da rotina do livro didático” (A3, 12 anos).

“O livro é muito chato é sempre a mesma coisa” (A4, 12 anos).

“A professora deveria mudar as suas aulas inventar uma coisa diferente” (A5, 11 anos).

“Nós deveria sair para algum lugar para estudar fora por um dia como exemplo no vale dos dinossauros seria muito legal” (A6, 11 anos).

“Se tivesse aulas diferentes acredito que nós prestaríamos mais atenção nas aulas de geografia” (A7, 12 anos).

“O livro didático dá sono nas aulas, pois não incentiva a aprender” (A8, 12 anos).

“O livro é muito bom nos ensina muito, mais direto fica as aulas cansativas é sempre bom inovar em tudo que fazemos” (A9, 13 anos).

“Adoraria se tivéssemos uma aula diferente na disciplina de geografia, pois aprenderíamos bastante com isso, nós alunos se interessava mais e prestava mais atenção” (A10, 13 anos).

“Você dá uma dica a professora quem sabe ela pode mudar as aulas” (A11, 11 anos).

“Acho que precisa mudar a maneira que a professora ensina” (A12, 11 anos).

Os alunos através de seus esclarecimentos retomam às discussões anteriores, onde foram feitas breves reflexões a respeito do LD ser o instrumento mais utilizado em sala de aula. Todos declararam que o LD é usado em todas as aulas de geografia e desejariam mudar a rotina, tendo

aulas diferentes usando de novos recursos didáticos para que possam obter melhorias no ensino da geografia.

A partir dessas respostas foi identificada a necessidade de se alterar algumas das regras, ou da rotina escolar, e também da professora, para que possam atuar realmente onde está o problema, seja na metodologia da professora ou no desinteresse dos alunos. Acredita-se que se houvesse um pouco mais de incentivo e melhorias no ensino, a educação poderia ter avanços, mas para isso é preciso capacitações para os professores, melhores salários, escolas com condições dignas para os alunos, entre tantas outras questões relativas ao sistema educacional.

Os problemas expostos pelos alunos são problemas enfrentados em muitas escolas, no município de Sousa, ou seja, não é problema somente da escola José Reis. Desde então, esses depoimentos tornam-se problemas seríssimos que precisam ser tomadas medidas imediatas para que a educação não se transforme em algo sem valor.

Acredita-se na possibilidade de mudanças, os alunos com suas declarações nos mostra essa possibilidade, ou seja, “*inovação*” essa é a chave do problema, logicamente isso não é tão fácil, mas tudo precisa de um começo e de uma iniciativa. Os futuros professores serão a esperança de uma educação de qualidade, para que o País possa formar cidadãos ativos que saibam do seu papel perante a sociedade na qual estão inseridos, conhecendo seus direitos e deveres.

j) Qual o assunto que você mais gosta de estudar na geografia? Por quê?

“O assunto que mais gostei de estudar até agora foi placas tectônicas, porque é muito interessante ver e entender como acontece às dinâmicas do nosso planeta” (A1, 10 anos).

“Gosto de estudar os pontos cardeais porque serve para nos orientar” (A2, 10 anos).

“Adoro todos os temas da geografia, pois são importantes para nosso futuro” (A3, 11 anos).

“Gostei de estudar como se formou o planeta terra achei muito interessante” (A4, 11 anos).

“O espaço geográfico é o mais difícil de todos, é muito complicado acabei não entendendo

nada” (A5, 12 anos).

“Sobre a agricultura, pois moro no sítio, e é um assunto que me interessa muito, por meus pais sobreviverem dela” (A6, 12 anos).

“Gosto da paisagem por serem bonitas as árvores as flores os animais e as cachoeiras” (A7, 10 anos).

“Não gosto de nenhum dos assuntos que a geografia estuda” (A8, 10 anos).

“As paisagens bonitas que o livro mostra deixa os alunos curiosos, adoro ver todos os desenhos do livro” (A9, 12 anos).

Pode-se perceber que são variados os gostos pelos conteúdos geográficos. Uns dizem gostar de estudar as placas tectônicas, outros os pontos cardeais, as paisagens, a agricultura entre outros, mas não sabem explicar o porquê ou motivo que os mesmos têm de apreciar esses assuntos abordados na geografia.

As respostas revelam que todos têm apreciações diferentes pelos conteúdos da geografia, isso é algo bom, pois através desses variados gostos podem surgir futuros professores geógrafos. Para tanto, o professor pode ajudar a seus alunos a gostar mais de um determinado assunto, basta querer tornar suas aulas dinâmicas, construtivas e dialogadas, para que através dos debates a mesma possa saber qual aluno se destaca mais com determinado assunto, e investir para que possa tomar gosto cada vez mais pelas aulas.

Durante as observações em sala de aula, foi possível notar as dificuldades dos alunos em se expressarem, eram tímidos na hora de responderem as perguntas, mas agitados quando havia espaço para bagunça. Sabe-se que isso é uma realidade presente na maioria das escolas, porém, isso precisa ser mudado. É comum a visão distorcida sobre a educação, necessitando um novo olhar sobre ela e em especial para a geografia, visto a percepção de que ela está associada como uma disciplina da “bagunça” e do “professor atrapalhado”.

5.6 Considerações Parciais

Na quarta parte deste trabalho foi abordada a concepção de paisagem na geografia escolar. Primeiramente, foi analisada o perfil da escola onde pode-se inferir que se trata de uma escola simples e humilde, mas, com perspectivas de um ensino melhor. Dessa forma, considerando o processo de construção do conhecimento na geografia, abordou-se a importância do conceito de paisagem no 6º ano do EF, a partir da análise do questionário da professora e dos alunos. Foi observado que a professora encontrou dificuldade na definição desse conceito, limitando-se somente a conceituação teórica. A partir disso, procurou-se fazer uma conexão com o referencial teórico abordado na parte dois desse trabalho.

Em seguida, foi analisada a visão dos alunos sobre a paisagem, ficando subentendido que a maioria deles a entendem de forma fragmentada e compartimentada, ou seja, seus elementos naturais e culturais não se inter-relacionam. Levando em consideração a idade desses alunos, percebeu-se que estão começando a desenvolver a capacidade de comparar e de compreender o espaço, característica esta que exige a necessidade de atendimento específico através da realização de atividades práticas para facilitar a construção desses conhecimentos.

Para a realização desse estudo e para responder os questionamentos propostos, foi necessário realizar uma análise do livro didático, considerando o tratamento dado ao conceito de paisagem. Este conceito constitui um dos temas componentes do conteúdo específico presente nos primeiros capítulos. Foi evidenciado que o LD analisado possui pontos positivos e negativos, sobressaindo este último. Apesar disso, ainda é o principal recurso utilizado em sala de aula, portanto, este material pode ser a causa de preocupação em virtude dos problemas que podem acarretar no ensino de geografia.

Depois dessa longa jornada chega o momento de fazermos a finalização desta pesquisa, através da apresentação das sínteses em nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da presente pesquisa buscou-se refletir alguns aspectos referentes ao ensino da geografia escolar, através da análise da aplicação do conceito de paisagem no 6º ano do nível fundamental. O estudo permitiu fazer uma discussão de alguns pontos significativos identificados no decorrer da pesquisa. Ao longo dela foram constatados elementos que indicam a necessidade de se pensar em alternativas a fim de obter melhorias na educação escolar e, em especial, no ensino de geografia.

Durante os levantamentos bibliográficos diversas publicações referentes à educação e ao ensino de geografia apontaram problemas comuns como: infraestrutura precária, formação docente deficiente, indisciplina dos alunos, comprometimento nas condições de trabalho, má gestão pública, entre outros. Os trabalhos também constatam que a prática dos professores não tem mudado, com predomínio de práticas tradicionais de ensino, cada estudo realizado mostra uma sensação de insatisfação. O que permite delinear a impressão de que algo está errado, mesmo não ignorando avanços atuais que ocorreram na educação.

Esse estudo tem como motivação o interesse de conhecer e contribuir nas atividades que visem melhorar a qualidade de ensino e em especial da geografia escolar. É importante deixar bem claro que a pesquisa não tem como intuito apontar responsáveis pelos problemas. Este tema é complexo e apresenta inúmeras variáveis, fugindo do próprio ambiente escolar, como o distanciamento entre a comunidade acadêmica e a escola e as relações familiares.

Quanto às considerações finais deste estudo, tem-se como princípio que o conceito de paisagem guarda importância basilar para ciência geográfica e os conteúdos desenvolvidos na disciplina escolar guardam esta característica. A paisagem, para diversos autores, é dinâmica e no contexto escolar apresenta potencial de utilização didática ao se alinhar ao direcionamento de valorização da experiência de vida do aluno.

Este estudo aponta também, o que converge com as leituras realizadas, as relações existentes entre o domínio didático do professor e a qualidade dos recursos disponíveis. A capacidade de recriar e dar novos significados são inerentes a prática docente. Neste contexto, este trabalho também traz como considerações a importância de se trabalhar o conceito de paisagem no ensino fundamental.

Foi identificado que os sujeitos entrevistados apresentaram noções equivocadas, ou com lacunas conceituais importantes. A respeito do ensino de Geografia e sobre a forma de trabalhar o tema paisagem.

No caso dos alunos, eles apresentaram algumas respostas corretas, baseadas no livro, porém contraditórias às respostas espontâneas. Isto permite inferir a influência do ensino tradicional, decorativo, se sobrepondo a capacidade criativa.

No caso do professor, as respostas apresentaram-se superficiais e incompletas. Isto nos permite considerar que sua formação acadêmica foi precária, o que pode trazer desdobramentos negativos na prática docente.

Em ambos os casos salienta-se a necessidade de redirecionamento e maior importância na questão educativa da geografia.

Considerando as condições de infraestrutura da escola, além do ambiente educativo podemos estabelecer relações entre a qualidade esperada e aquela apresentada.

O livro didático analisado apresenta uma série de inadequações quanto estrutura e qualidade textual, tendendo a priorizar no recurso de imagens. Isto permite considerar a importância da escolha do material didático, e neste caso o livro, para contribuir no processo de ensino aprendizagem.

Por fim, este estudo demonstra que no ensino fundamental é necessário rever como têm sido aplicado os diversos conceitos geográficos, além da paisagem, e a relação existente com diversos outros fatores mais abrangentes que comprometem a qualidade do ensino nesse nível escolar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. (Org.). **Geografia: sociedade cotidiano**. Ensino Médio, Volume único. 1º. Ed. São Paulo: Escola Educacional, 2010.

ANDRADE, M. C. **Geografia econômica**. 7ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1981.

BARBOSA, J. L. Geografia e Cinema: em busca de aproximação e do inesperado. In: CARLOS, A. F. A. et al (Org.). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

BERQUE, A. **Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz**: Elementos da Problemática para Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro; EDUERJ, 1998.

_____. **Être humains sur la Terre. Principes d'éthique de l'écouméne**. Paris: Gallimard, 1996.

_____. **La pensée paysagère**. Paris: Archibooks, 2008.

BERTRAND, G. **Paisagem e Geografia Global**. Curitiba. Editora: UFPR. Tradução: Olga Cruz. Trabalho e Geografia física global publicado, originalmente na, "Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Quest". Publicado no Brasil no caderno de ciências da Terra. São Paulo, 1972.

_____. **Paisagem e Geografia Física Global**. Esboço Metodológico. Curitiba. Editora da UFPR. 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – geografia / Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRAUN, A. S. **Rompendo os muros da sala de aula**: O trabalho de campo como uma linguagem no ensino de geografia. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre. UFRGS, 2005.

CALADO, F. M. **O ensino de geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos**. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/103/pdf10>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

CARLOS, A F. A. (Org). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 2001, p.305.

CASTRO, D. G. **Significados do conceito de paisagem: um debate através da epistemologia da geografia**. 2007, UERJ. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~diamantino/Paisagem.htm>>. Acesso em: 30 dez. 2013.

CASTROGEOVANNI, A. C. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação. 1998.

CAVALCANTI, L. S. A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. In. **Concepções de geografia e de geografia escolar no mundo contemporâneo**. Papirus: Campinas, 2008.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2003.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e educação**, Porto Alegre, 1990.

CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique: du savior savant au savior enseigné**. Grenoble: La Sauvage, 1985.

CLAVAL, P. **Evolucion de la Geografia Humana**. Barcelona: Oiokus-Tau S A.1974.

CORRÊA, R. L; ROSENDHAL, Z. (Org). Geografia cultural. In: Carl O.SAUER. **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

ESTEFANELLO, A. C. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de geografia**. Curitiba: Ibplex, 2008.

FARIA, D. R. **A Paisagem como tema de estudo na 5ª série do ensino fundamental**. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) 2007.

FERRAZ, A. **Agenda da cidade de Sousa-PB**. 11ª edição, 2014.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí, Rio Grande do Sul: Unijuí, 1998.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

GOODSON, I. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, 1990.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS 2005. Geografia/Nabiha Gebrem (Coord). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Infantil e Fundamental, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pb#>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

KAERCHER, N. A. **A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da geografia crítica**. São Paulo: USP/FFLCH, 2004 Tese de Doutorado.

_____. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. 3. Ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

LAGE, C. S. Prefácio. In: SANTOS, Jémison Mattos dos. Et al. (org). **Reflexões e Construções Geográficas Contemporâneas**. Salvador, 2004.

LAKATOS, E. M; MARCONI, A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1985.

_____. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisas bibliográficas, projetos, relatórios, publicações e trabalhos científicos**. 5ª ed. São Paulo. Atlas, 2001.

LOPES, Jaime Sérgio Frajuca. **Professor- pesquisador em educação geográfica**. Curitiba: Ibpx, 2010.

MACIEL, A. B. C; MARINHO, F. D. P. **O estudo da paisagem e o ensino da geografia: Breves reflexões para docentes do ensino fundamental II**. Disponível em:

<<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/103/pdf>>. Acesso em: 19 set. 2013.

MACIEL, A. B. C; LIMA, Z. M. C. **Diversidade de olhares: a evolução do conceito de paisagem no decorrer das décadas**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

MARIA, Y. L. **Paisagem: entre o sensível e o factual uma abordagem a partir da geografia cultural**. Dissertação de Mestrado em Geografia. São Paulo, 2010.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**: Rio de Janeiro: Abrasco; 2007.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 21º ed. São Paulo: Annablume, 2007.

NAME, L. **O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2010.

OLIVEIRA, L; MACHADO, L. M. C. P. 3º encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem. Rio Claro: UNESP, 1998. (cadernos Paisagem/Paisagens).

OLIVEIRA, M. L. T. **Ensino de Geografia na Contemporaneidade: O uso de recursos didáticos na sua abordagem**. Apresentado pela Universidade Regional do Cariri (URCA) Porto Alegre, 2009.

PESSOA, R. B. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. Dissertação de Mestrado pela UFPB. João Pessoa, 2007.

PROJETO ARARIBÁ: Geografia-Organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida; desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora responsável Sônia Cunha de Sousa Danelli. -2ª. ed.-São Paulo: Moderna, 2007.

PONTUSCHKA, N. N. (Org). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. 4ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. A geografia como ciência e disciplina escolar. In. **Para ensinar e aprender geografia**. 3ª.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Um projeto...** tantas visões: a Educação Ambiental na escola pública. São Paulo: AGB-São Paulo, 1996.

PUNTEL, G. A. **A paisagem no ensino da geografia**. Ágora, Porto Alegre/RS. UFRS, 2006.

PUNTEL, G. A.; VERDUM, R. Geografia: ensino fundamental. In: **Espaço geográfico e paisagem**. Brasília, 2010.

RESENDE, M. S. **A Geografia do aluno trabalhador**: caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1996.

RIBEIRO, W. C. **Milton Santos**: Aspectos de sua vida e obra. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-124>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

RUA, J. O Professor, o Livro Didático e a Realidade Vivida como Recursos para o Ensino da Geografia. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre: AGB-PA, n. 24, 1998. Edição Especial. p,89.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 3ª. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, M. O espaço geográfico, um híbrido. In. **A natureza do espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008. [Hucitec,1997].

_____. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002. 384p.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. 1925. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

SEABRA, G. **Geografia: fundamentos e perspectivas**. 4ª. ed. rev. e ampliada. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2007.

SILVA, A. M. A. **O ensino de geografia e os recursos didáticos**: Uma avaliação inicial acerca dos materiais de ensino e livros didáticos. Uberlândia, 2008.

SILVA & MELO. **Entre a teoria e a prática**: o Ensino de Geografia nas Escolas. In: Anais... VI ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA: Fala professor- Concepções e fazeres da Geografia na Educação: Diversidades em perspectivas. Realizado em 23 a 27 de julho de 2006. Uberlândia MG.

SILVA et al. **O ensino da geografia e as representações cartográficas da geopolítica no livro didático**. In: Anais... Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. 2007, UFF, Niterói. 29 de Outubro a 01 de Novembro.

SOJA, E. W. **Geografia e pós-modernidade**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução Vera Ribeiro (2ª ed. Inglesa). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

TRICART, J. **Paisagem e ecologia**. Inter-fácies: escritos e documentos. São José do Rio Preto. Ed. UNESP 1982.

VESENTINI, J. W. Realidades e perspectivas do ensino de geografia no Brasil. In. **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

VICTOR, G. **“Carl Sauer e a Geografia Cultural”**. 2006. Disponível em: <<http://www.zemoleza.com.br/carreiras>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

VIEIRA, C. E. et al. Prática de ensino e estágio supervisionado. In. **Recursos didáticos**: do quadro-negro ao projetor, o que muda. São Paulo: Contexto, 2007.

VIEIRA, Josenilton. **O computador como instrumento didático pedagógico**. Revista mundo jovem. Março, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário de entrevista para o professor

OBJETIVO DE ESTUDO: Verificar como o conceito de paisagem está sendo trabalhado com os alunos do 6º ano do ensino fundamental.

Iniciais: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Formação: _____

Pós-graduação: _____

Ano de conclusão: _____

Tempo de atuação: _____

Carga horária semanal: _____

QUESTIONÁRIO

1. Qual o conceito que você atribuiria à geografia e qual sua importância?
2. Você gosta de ser professor de geografia? Por quê?
3. O que você entende por paisagem?
4. Qual a importância da paisagem?
5. O livro didático adotado em sala contempla o conceito de paisagem?
6. Qual o referencial proposto no livro didático em relação ao conceito de paisagem?
7. Você trabalha a temática paisagem em sala de aula?
8. É possível construir a noção de paisagem com alunos do 6º ano?
9. Quais são as facilidades de elaborar e aplicar o conceito de paisagem em sala de aula?
10. Quais são as dificuldades de elaborar e aplicar o conceito de paisagem em sala de aula?

11. Quais os recursos didáticos utilizados em sala de aula para trabalhar o tema paisagem?

APÊNDICE B – Questionário de entrevista para os alunos

OBJETIVO DE ESTUDO: Verificar como o conceito de paisagem está sendo trabalhado com os alunos do 6º ano do ensino fundamental.

Nome da escola: _____

Iniciais: _____

Idade: _____

Ano: _____

Data: ____ / ____ / _____

QUESTIONÁRIO

1. Você gosta de estudar geografia? Por quê?
2. O que você entende sobre geografia?
3. Como você pode usar a geografia no seu dia a dia?
4. Você considera a Geografia uma disciplina boa ou chata? Por quê?
5. O que você entende por paisagem?
6. Você acha a paisagem importante? Por quê?
7. No percurso da sua casa para a escola existe paisagem? Qual?
8. Aponte o que você considera de positivo e negativo nas aulas de geografia?
9. Você gosta de estudar com o livro didático ou prefere algo diferente nas aulas de geografia?
10. Qual o assunto que você mais gosta de estudar na geografia? Por quê?